

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

A Natureza e a Música Beethoven e a Natureza

Encontrei, há meses, na cidade do Porto, um Vimaranesse amigo que, com grande surpresa minha, me disparou certas perguntas: «Então quando aparecerá no jornal *Notícias de Guimarães* algum artigo seu sobre Música? Quando nos fala acerca de um Beethoven, de um Mozart, de um Haydn, de um Bach...?»

Achei estranhas, confesso, tais perguntas, mas, para não deixar de satisfazer os desejos desse amigo, e porque, de tempos a tempos, também costume enviar colaboração para este Jornal, que muito aprecio, não perdi a ocasião para afirmar que não é difícil falar de Beethoven, de Mozart, de Haydn, de Bach, astros de primeira grandeza na Divina Arte dos sons, como não é difícil falar de tantos outros, igualmente grandes, em campos intelectuais diversos, se pretendermos referir-nos apenas à sua vida mais ou menos agitada.

O que se torna difícil, a meu ver, é descobrir, pela análise metódica da obra de cada um, o que cada uma delas encerra de superior e ali colher todos os elementos que nos permitam avaliar o mérito psicológico dos seus autores, preferindo à sua biografia pessoal o estudo crítico daquilo que produzem.

Quando, porém, as obras atingem as proporções da de Beethoven, quer material quer espiritualmente, a tarefa redobra de dificuldade, e não pode então convir-nos menos o conhecimento da vida do artista. Parece, bem sei, que pouco nos devia interessar (a propósito de Beethoven, por exemplo), que este tivesse tido ricos e poderosos protectores, como o príncipe Lichnowski, o barão Van Swieten, o arquiduque Rodolfo; que de Haydn, Neef, Albrechtsberger e Salieri houvesse recebido lições ou conselhos; que os últimos anos da sua existência tivessem sido repletos de tristeza e amargura; mas, afinal, esses pormenores biográficos são preciosos, e é mister, muitas vezes, conhecê-los em pormenor, para explicar diferentes particularidades da obra do artista, — obra complexa, genial, em que, além de páginas de feliz inspiração, e de muitas de verdadeira ciência, nascidas de uma enorme concentração de espírito, há outras dominadas por uma paixão ardente, arrebatada, ou que são fruto de profunda melancolia, de infinito sofrimento.

Oulibicheff dá-nos, em meia dúzia de palavras, uma ideia do que foi, em parte, a vida de Beethoven: «Entre os milhões de ouvintes espalhados pelo globo, a sorte marcou um e condenou-o a nunca mais ouvir as obras-primas de Beethoven, que fazem as delícias do mundo. Esse ouvinte é o próprio Beethoven. Ele não tornará a produzir senão para os outros. A sua infelicidade é completa. O seu ouvido morreu e as trevas do silêncio vêm envolvê-lo para sempre.»

É este o terceiro período da vida de Beethoven, em que só o veríamos mal vestido, com aspecto doentio, a cabeça coberta com uma cabeleira grisalha e arrepiada, a

barba crescida, falando ainda, mas não recebendo a palavra dos outros senão pelos olhos. «Esse velho, surdo, estranho e infeliz — remata Oulibicheff — que se ia ver, não visitar, era Beethoven, o grande poeta da música.»

Poeta, sim. Beethoven, que dizia «Quero mais a uma árvore do que a um homem», procurou na Natureza, como o poeta, a fonte inspiradora de algumas das suas mais belas composições e nela tentou desvendar os segredos da perfeita harmonia, colhendo os elementos mais puros com que criou a sua obra, tão grande e tão pura também. O arvoredo multicolor, ondulante e rumoroso; as águas dos regatos, serpenteando pelos campos; as planícies verdejantes e extensas; os jardins floridos; as pequenas povoações, no sopé dos montes, branqueando entre as frondes; as revoadas de aves; os quadros deliciosos do amanhecer e do pôr do sol; o contraste, enfim, entre a quietude e as tempestades da

BERTINO DACIANO.
Continua na 2.ª página.

Unidade Militar

Foi declarada a utilidade pública e a urgência da expropriação de dez parcelas de terreno necessárias à construção do novo Quartel do Regimento de Cavalaria n.º 6, em Guimarães, cuja aquisição e liquidação competirá à Câmara Municipal.

A reunião dos antigos militares do Regimento 20, em 1958

Guimarães já tem um Regimento, o de Cavalaria 6, e vai ter também um novo Liceu.

Recebeu-se a notícia oficial após a saída do Ministro da Defesa que aqui veio presidir à Festa da Bênção da Bandeira da Índia, e assistir, como já sucedeu há anos, à característica e grandiosa Marcha Gualteriana.

A notícia da colocação do Regimento «revolucionou» a cidade que saiu para a rua, sem se importar com a cópia chuva que enchourou toda a gente, para expandir a satisfação e manifestar, a quem tomou a atitude decisiva que levou a este resultado, o aplauso e gratidão que deveras mereceram — os Ex.ºs senhores Presidente da Câmara e Engenheiro Duarte Amaral.

De certo que não ficaram esquecidos todos aqueles que há umas dezenas de anos, desde que de cá desapareceu a unidade militar, trabalharam, e se esforçaram, e insistiram, e teimaram e foram assim lançando a ideia de que Guimarães tinha direito a uma «restituição», como foi classificado por várias entidades este acto do Governo, e a que foi dado agora o impulso final.

Vai-se assim consolidando o ambiente de unanimidade que faltava há muito nesta terra, e surgiu uma figura que procura traduzir as necessidades que podem ser satisfeitas pelos Departamentos do Estado.

Verdade seja, e é bom dizê-lo, nas coisas correnies de melhoramentos cidadãos, há, como é de esperar de quem paga e usufrui, a crítica necessária para os avaliar segundo as opiniões de toda a gente, que só excepcionalmente são concordantes.

Mas no que respeita a assuntos como estes que agora se concedem à cidade, é que se revela o bloco que se está a formar e a significar uma opinião bairrista em que colaboram todos sem excepção.

Aqui há cinco meses, quando se realizou a festa dos antigos militares do R. I. 20, no almoço de camaradagem e perante o Ex.º Presidente da Câmara se disse que «este teria em breve de anunciar um grande acontecimento que satisfaria uma das maiores aspirações de Guimarães».

Esse acontecimento era a colocação de uma Unidade Militar, mas ainda a resolução estava na fase duvidosa, e desde essa data muito se esforçaram o Dr. Castro Ferrei-

GUIMARÃES E ALJUBARROTA Ecos de uma Manifestação

A comemoração da Batalha de Aljubarrota é um dos actos solenes que Guimarães não esquece! E não esquece por duas razões: em primeiro lugar pelo feito histórico de heroicidade que nos assombra a todos pela desproporção em armas e em homens, entre portugueses e espanhóis empenhados na luta; e em segundo lugar pela Fé inquebrantável desse punhado de Homens firmados na razão e na justiça e guiados pela espada de Nuno Álvares.

A estratégia, a valentia e a fé dos portugueses combatendo por uma causa digna, fizeram o milagre de Aljubarrota! Por isso o 14 de Agosto é todos os anos comemorado em Guimarães a expensas da Câmara, recordando esse feito, orgulho dos portugueses.

Mas Guimarães tem outras razões ainda para assinalar com pompa essa data memorável.

Poi aqui que veio D. João I agradecer a Nossa Senhora das Vitórias a Independência firmada mais uma vez em Aljubarrota. E fez o trajecto a pé desde o Porto e descalço desde o Padrão de S. Lázaro ao Padrão da Oliveira ou do Salado.

Acto de fé, de obediência e de humildade!

Aqui veio D. João I, como havia prometido ao iniciar-se a batalha, cumprir a promessa que fez a Santa Maria de pagar o peso do seu corpo em prata, e oferecer-lhe o triptico em prata doirada e esmaltada que pertenceu ao Rei de Castela, o seu Pelote e a Lança.

Guimarães era então, no séc. XIV, grande centro de peregrinações. De longe vinham os fiéis e homens de armas implorar e agradecer

nesse santuário de Santa Maria os favores concedidos.

E D. João I aqui veio por diversas vezes:

Foi em Guimarães que o Rei firmou o seu casamento com D. Filipa de Lancastre; aqui reuniu Côrtes em 1401, tendo trazido em sua companhia a Rainha D. Filipa e seus filhos para assistirem à sacração duma parte da nova igreja da Colegiada.

São, pois, razões de valor as já inúmeradas, para Guimarães celebrar com a pompa que merece esse feito de tão gratas recordações para os portugueses e vimaranenses.

Há mesmo necessidade de dar maior realce a essa comemoração histórica. Há o dever de todos a conhecerem, grandes e pequenos, e nela tomarem parte sobretudo os escolares.

Era bom que já no próximo ano a Câmara tomasse as devidas providências para dar maior grandiosidade ao acto.

Para que todos possam comparecer, ou o comércio encerraria mais cedo, ou, o que seria mais vantajoso, os actos solenes celebrar-se-iam ao meio-dia. E é necessário outra ordem, outra composição.

Aquele Largo da Oliveira transformar-se-á num templo onde não será permitida a circulação de veículos, o businar, o apregoar, as corridas dos garotos, etc., etc.

A policia tomará as devidas providências para que a ordem e o silêncio sejam devidamente respeitados.

Se todos quisermos compreendermos haremos de concordar que essa gloriosa data histórica merece um outro relevo que já não se lhe dá.

É preciso que os nossos estudantes das escolas e do ensino secundário saibam viver este dia, e apreciem a grandiosidade do facto histórico. É preciso que os nossos rapazes, homens de amanhã, aprendam a História de Portugal e saibam relacionar os factos históricos com o que se passou na sua Terra — Berço da Pátria.

Muito há que lhes ensinar ainda, que os historiadores melhor que nós lhes hão-de expor. Cada recanto, cada templo, cada obra de arte, cada pedra desse Castelo ou da Muralha tem uma história verdadeira que é necessário recordar à juventude vimaranense.

Trabalhem assim para elevar Guimarães, recordando o seu apogeu histórico e libertando a mocidade do materialismo excessivo em que hoje o mundo vive.

J. SOARES LEITE.

Relações de Amizade entre vizinhos

A propósito da publicação do artigo com este título, da autoria do nosso ilustre colaborador sr. Dr. Júlio Soares Leite, muitas foram as pessoas que, por escrito, assim como pelo telefone e pessoalmente, nos manifestaram o seu aplauso.

Registamos, agradecendo.

Tudo e nada mais

(ao Tenente Malta Jotta)

- Tudo o que em mim é ânsia, freme.
- Tudo o que em mim é desespero, anseia.
- Tudo o que em mim se prolonga, atende.
- Tudo o que em mim é esperança, desespera.
- Tudo o que em mim plange e sofre, conforta-se.
- Tudo o que em mim é vida morta, renasce.
- Tudo o que em mim se procura em vão, encontra-se.
- Tudo o que em mim se deixa vencer, triunfa.
- Tudo o que em mim é epitalâmio, narcisa-se.
- Tudo o que em mim é tudo, nada mais é.

CORREIA DA COSTA.

O que eu disse nas varandas dos Paços do Concelho

O povo de Guimarães — está aqui.

As suas bandeiras, representativas, assinalam a sua presença — total!

Pode dizer-se que a grei vimaranense está aqui, ao serviço de um pensamento e sentimento superiores.

Um pensamento único; um sentimento uniforme. A sua tradução exacta, quer dizer:

— Gratidão ao Governo, pela justiça que nos fez!

Na verdade, a reposição de uma Unidade Militar em Guimarães, é acima de tudo — um puro, um perfeito acto de governo!

E' como que uma reconstituição histórica.

Porquanto: O burgo Afonsino andou sempre integrado com as instituições militares.

O próprio fulcro inicial de Guimarães germinou na aliança épica e missionária da Cruz e Espada.

A Cruz, explendeu ali em baixo, no Mosteiro de Mumadona.

A Espada rebrilhou, ali em cima, no Castelo de S. Mamede.

E se esta é a nossa ascendência heráldica, da mesma génese é a nossa tradição.

Sempre, sempre, ao serviço da Pátria!

Contemplemos a História.

Ainda Portugal não era gerado, e já fulcros de independência resistiam em Guimarães contra o senhor do Condado.

Depois, foi a eclosão da batalha, nos campos de S. Mamede.

Tão fiel se mostrou a grei vimaranense aos seus reis, que estes nos concederam, a par de cartas de «bons foros», privilégios excepcionais.

Para que nos penetre a certeza de que Guimarães foi sempre um baluarte militar, basta contemplar o Castelo — esse gigante de pedra, de oito séculos.

A sua epopeia homérica, é timbre de orgulho da nossa gente.

As muralhas e as torres altaneiras que fechavam o nosso burgo, são ainda hoje, aqui e ali, afirmações eloquentes do nosso esforço combativo, na alvorada nacional.

A expressão monumental de Guimarães ainda hoje é prova de ha-

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Nova nota a demonstrar como Guimarães acarinha a Obra do Padre Américo. E desta vez é ainda continuação dos sentimentos de pesar e saudade manifestados na Missa do dia 29 em sufrágio da bellissima alma do Grande Apóstolo.

Em gentilissimo officio, o Rotary Clube de Guimarães comunica a oferta de uma casa para o Património, homenageando assim Aquele que tanto bem espalhou e muito se sacrificou pelos necessitados.

Regista-se, aprecia-se, agradece-se e louva-se a atitude tomada. Por aqui se vê como a Caridade Evangélica com que o Padre Américo electrizou Portugal de lés-a-lés, contagia e faz brilhar os mais nobres sentimentos.

E' que de um lado vive-se uma riqueza desmedida e mal utilizada; e do outro vive-se a inferioridade da pessoa humana, uma existência que constringe e quase revolta.

Tem por isso plena justificação a doutrina do amor do próximo por amor de Deus — base em que o Padre Américo fazia assentar todo o segredo da Sua Obra.

A caritativa generosidade do Rotary Clube de Guimarães é testemunho desta mesma verdade. Bem hajam os seus Ex.ºs Sócios.

Para todos as bênçãos de Deus. Para todos a gratidão dos Pobres.

A COMISSÃO.

«PANORÂMICA»

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nova Secção «Panorâmica» que inserimos na 3.ª página e cuja publicação se inicia em colaboração com os serviços culturais da Schell Portuguesa.

vermos sido, até ao século XVII, uma Praça de Armas.

Os terços dos concelhos tiveram sempre, entre a nossa população, quartel e ajudas.

Formamos, em todas as investidas, ao lado dos melhores soldados da milícia armada.

Mandamos à Índia os filhos da terra — nobres e plebeus, hasteando nas pelejas da conquista a signa augusta de Nossa Senhora da Oliveira.

Assim foi a nossa tradição de índole militar.

Na jornada dos séculos o nosso burgo, vila e cidade, sempre teve na liça capitães e soldados.

As instituições militares radicaram-se nos fundamentos históricos de Guimarães.

Filamentos de simpatia nos uniram à tropa, como parte integrante da família vimaranense.

Quando, pois, nos despojaram de Infantaria 20, sofreu com isso, mais que os nossos interesses económicos, o nosso brío.

Finalmente. Alegram-se os corações!

Não porque se trate de uma concessão, mas de uma recondução.

Mais digo: Se não merecessemos a honra de ter entre nós uma Unidade Militar, ao menos, por homenagem, a merecia o Castelo — primeiro baluarte da Nação.

Seja a Unidade Militar a sua guarda de honra!

O nosso Castelo — monumento de arte militar — não é um símbolo morto, inexpressivo.

E' lição viva, lição permanente de dignidade cívica, de heroísmo patriótico.

Por estes atributos nacionalistas, logra ser Guimarães um centro privilegiado, excepcional, para a formação do espírito do soldado.

Eis que Guimarães volta ao seu trilhar de antigamente.

Assim o entendeu, por bem e nossa ventura, o Governo da Nação.

Homologado o Decreto num alto espírito de justiça, por isso mesmo o coração dos vimaranenses rejubila.

Esta manifestação popular o diz. As bandeiras corporativas, representativas das instituições locais, interpretam o sentimento público.

Aqui viemos, junto da Vereação Municipal, para lhe afirmar a nossa solidariedade, o nosso aplauso, a nossa alegria.

Perante este sucesso, que nos torna gratos ao Governo — destacadamente ao Ex.º Ministro da Defesa Nacional — os homens bons da governança mais se firmam em nossa simpatia.

Repito: A colocação de uma Unidade Militar em Guimarães, não é apenas um factor de efeito económico.

E', para o nosso vimaranensismo, uma reabilitação.

O nosso património de valores locais, estava desfalcado.

Reduzidos, diminuídos em nossos títulos de cidadania, jamais nos conformamos.

E sofríamos!

Bem hajam quantos deram o seu contributo para a reconquista da Unidade Militar.

Aqui está o povo, agradecido e contente, a manifestar a sua gratidão ao Governo.

Seja V. Ex.ª, senhor Presidente da Câmara, o intérprete deste nosso estado de alma colectivo.

Vibrantemente, para que nos oijam, ergamos a nossa sempre querida saudação:

— Viva Guimarães!

A. L. DE CARVALHO.

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL

Neste importante estabelecimento de ensino, matricularam-se 597 alunos, dentro do prazo normal para esse feito, continuando a efectuar-se matriculas mediante o pagamento de multa.

«Estrela do Minho»

Este nosso prezado colega que sob a direcção do nosso ilustre camarada sr. José Casimiro da Silva se publica em Vila Nova de Famalicão, completou 61 anos de existência, sendo motivo para lhe endereçarmos as mais efusivas saudações.

GAZETILHA

Coisas da bola...

Convocou-se a Assembleia, com vista, e com ideia desse tal Alargamento... E houve farta discussão, primores de sugestão em mimos de pensamento!...

Do norte até ao confin deste formoso jardim que se chama Portugal, se mexeram delegados, uns leigos, outros formados, numa embaixada formal...

Galgaram-se águas do mar, para amizades pescar, mas nada foi para nós... — E um md-língua me diz, que o tal pescador não quis os votos dos «bijagós»!...

... Foi Circo de coisas raras, sujeitos com «duas caras», em pró e contra partida... E só faltou no final, certa frase genial a Cambrone atribuída!...

Origão.

2-5-56.

O Tournal

Acaba uma distinta pessoa amiga que frequentes vezes é hóspede da nossa terra, de escrever-nos agradecendo a nossa oferta do «Roteiro da Cidade de Guimarães» há pouco publicado com o gentil subsídio da Câmara Municipal, e dirigindo-nos as seguintes palavras que pedimos desculpa da ousadia de transcrever.

«Sei que V. Ex.ª é grande amigo de Guimarães, o que não admira porque, naturalmente é daí natural; eu não sou vimaranense mas também admiro e aprecio muito essa cidade antiga. Por isso quero aproveitar a ocasião para insistir com V. Ex.ª neste ponto: — é necessário evitar, a todo o transe, que a Caixa Geral de Depósitos vá estragar irremediavelmente a encantadora harmonia da Praça do Tournal. A «Caixa» é ré de lesa-arte e tem destruído, por esse país fora, belos edifícios e, ainda agora, em Lisboa, levou por diante a demolição da parte mais característica do Palácio dos Sousas, no Calhariz. Uma lástima, meu amigo, consentir nestes atentados! O Tournal é uma praça «suis generis» que não admite enxertos nem «modernices», mesmo que lhe queiram dar aspecto monumental...»

Pelo tom convicto que ditou estas palavras e já agora, também, por um justo desabafo de consciência, aí vai o nosso apelo — se é possível ainda! — para que se poupe a linda Praça do Tournal àquela demolição, com vista a um novo edifício que, certamente obedecendo a linhas modernas, irá constituir uma nota absolutamente discordante no conjunto estético daquela Praça, sem dúvida bela tal como é ainda e como desejamos fosse legada aos nossos vindouros! Falou-se em tempos na construção dum novo edifício da Caixa Geral à entrada da Avenida Duarte Pacheco, e isso nos parecia muito bem numa artéria moderna, onde naturalmente teria ambiente próprio. Ali no Tournal, cujo conjunto arquitectónico é completamente dispare de tudo que apresente carácter diverso da época em que aqueles prédios se construíram — é realmente condenável, a não ser que todos cruzemos, indiferentes, os braços e deixemos transformar a nossa tão característica cidade, ainda com seus pitorescos alinhados urbanísticos, numa amalgama incompreensível e disforme!

Cada coisa no seu lugar! Sejamos razoáveis!
A cidade quer expandir-se, com novos bairros e novas artérias que alberguem a população crescente, tornando-a mais bela e mais salubre? Perfeitamente, mas sem desmoranar aquilo em que não se deve tocar, sob pena de amanhã sentirmos remorsos dum erro que já não tem remédio. Guimarães antes de mais nada, é dos vimaranenses. E sem que pretendamos regressar ao tempo do Rei D. Diniz ou D. João I, queremos, no entanto, seja respeitada a cidade velhinha que nos fala de nossos antepassados, e sem que nos estorve os passos — como acontecia na quella estreitíssima passagem da Rua de S. Dâmaso...

E frequente vemos cruzar essas ruas forasteiros das mais diversas proveniências, além das contínuas excursões que a percorrem, notando o interesse com que eles, particularmente sendo estrangeiros, vêm e analisam certos aspectos da nossa terra, que a nós vimaranenses (é natural!) já não interessam.

Se esses aspectos que ainda restam desaparecerem, Guimarães — a Cidade-Berço — será mais um banalíssimo aglomerado urbanístico, nada de atraente oferecendo àqueles inúmeros visitantes que procuram ler em suas denegridas pedras algumas páginas da sua história!

Mas se tudo persistir no mesmo intuito planeado de realizar tal obra, que ela ao menos — oiçam bem! — não se desarmozize por completo daquela austera fisionomia, em perspectivas de cidade americana, com fumos de arranha-céus...

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Clube «Caçadores das Taipas»

A Direcção desta agremiação desportiva, com sede na vila das Taipas, vem por este comunicar que, devido a motivos de força maior, a atribuição dos prémios referidos nas senhas-brinde da «Campanha de Auxílio» passa a ser regulada pela Lotaria do Natal próximo.

Para os devidos efeitos se acrescenta que este é o último e irrevogável adiantamento.

Taipas, 23 de Agosto de 1956.

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

As Rendas e o direito natural de propriedade

Diz a Sagrada Escritura que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Mas o homem é mais «imagem e semelhança de Deus» quando trabalha.

Na verdade, o homem quando trabalha, aplica a sua inteligência criadora e vai buscar às forças íntimas da sua vontade o segredo do seu estímulo e do seu triunfo.

No trabalho — todo o homem trabalha: alma e corpo, inteligência e vontade...

O trabalho humano é como que «uma hóstia consagrada pelo homem e que ele oferece a Deus no altar da Vida».

Quando Abraão se preparava para imolar ao Senhor seu filho Isaac, um anjo o deteve e não concluiu o sacrifício...

Mas Deus criou o homem e pô-lo no mundo — ut operaretur — para que trabalhasse.

Esta imolação, este sacrifício exige-lho Deus para que seja sua imagem e semelhança.

«O meu Pai trabalha» disse Jesus «et ego operor», e eu também trabalho, concluiu.

Mas Deus criando o mundo é o seu Senhor. Deus é, pois, o Senhor de todo o Universo. O rendimento que recebe, é a proclamação, pelos séculos além, do Seu Infinito Poder e Glória.

O homem trabalhando também é «senhor».

Ele produz, de algum modo cria. Há alguma coisa que é dele, quando trabalha.

Onde está, em que se concretiza o rendimento do seu trabalho?

Para muitos homens concretiza-se no salário.

Urge que seja justo.

O lavrador caseiro não recebe salário em recompensa do seu trabalho.

Aguarda que sobre alguma coisa daquilo que produziu de colaboração com a terra e que tem de devolver ao seu senhorio que lhe arrendou.

A terra, confiada pelo proprietário ao lavrador, é uma espécie de Capital que tem de render para ambos.

Na base duma renda fixa, só o que sobrar será pertença do lavrador.

Mas a terra não é um tear mecânico. Para produzir exige muitas conselheiras ao sacrificado homem do campo.

Ele a revolve com o sua enxada e arega com o seu suor.

E quantas vezes o tempo inutiliza todo o seu esforço.

O fruto do seu trabalho não depende só de si nem da terra, mas também das boas graças da Natureza. Ora esta é comandada por Deus.

Por isso o lavrador sente, mais que ninguém, a presença de Deus.

«Não discutimos Deus», disse um dia Salazar.

«Quem jamais O discutirá, será o lavrador, que n'Ele e Só n'Ele confia e tem fé».

O lavrador é o mais directo colaborador de Deus na obra da Natureza.

Ara e semeia, sacha e rega e Deus dá o incremento — Só Ele faz crescer e produzir.

Se todo o trabalho humano é, de algum modo, criador, é por isso mesmo a base firme do direito natural de propriedade.

De toda esta filosofia queremos deduzir o seguinte:

a) As rendas devem ser determinadas de harmonia com certos princípios. E por isso, b) não podem ser matematicamente fixas, mas sim, humanamente maleáveis, a fim de que proporcionem a quem trabalha, a devida compensação.

E esta compensação o objecto do direito natural de propriedade do homem do campo, que o seu trabalho lhe consignou.

Pelo seu trabalho, o lavrador caseiro criou alguma coisa «propriamente sua».

Está certo, até certo ponto, que vá buscar aquilo que é «propriamente seu» algo com que preencha a renda devida ao seu senhorio, mas este nunca deve querer tudo quanto se produziu.

E daí o dizermos que as rendas não devem ser matematicamente fixas, mas sim, humanamente maleáveis. Ainda mesmo como escravo, o homem tem de ser sustentado pelo seu senhor.

O caseiro não deve ser encarado

como um escravo e por isso é justo que ele fique com que viver, proporcionalmente aos rendimentos e ao seu trabalho.

Avantajamo-nos, porém, a afirmar que a renda que se nos afigura mais justa e, portanto, mais humana, é aquela em que os rendimentos são divididos em duas partes iguais: uma para o caseiro e outra para o senhorio.

Ambos igualmente beneficiados ou prejudicados pela natureza... factor muito importante na vida da Lavoura.

É certo que muitos caseiros preferem rendas fixas mas baratas.

Fixas... para livremente escolherem as culturas...

Mas baratas... a fim de se não preocuparem muito com o seu pagamento. Daqui tem resultado, inúmeras vezes, a inveja doutros pretendentes às mesmas terras, que prometem rendas mais avultadas, prejudicando-se a si e aos outros.

Quando as terras são «a meias», há e deve haver maior estímulo no trabalho, porque é mais certo o interesse. Pode e deve aumentar a produção, porque é maior o quinhão que caberá ao caseiro, do que na renda fixa. Fazendo para o seu senhorio, faz também para si.

Assim aconteceu na Quinta do Paço, em Penha-Longa.

Aquela quinta andou sempre «a meias» e por isso os caseiros a puseram linda e formosa.

Quando o Julinho saísseiro pensou em levar tudo — 10 por cento de juros do capital investido — feriu-a de morte.

Dali em diante, a quinta que em 91 anos só conheceu três caseiros, passou a conhecer um todos os anos, que saíram dali arruinados e que a levarão, também, à ruína.

É um facto comprovado que a terra que conhecer todos os anos um caseiro novo, dentro de alguns estará pouco menos que selvagem.

Lindas quintas que o foram outrora, são, hoje em dia, estendal de devastação e de ciclone.

A mão assídua e carinhosa do homem transforma desertos... mas a mão que não acarinhar a terra, transformá-la a num areal ressequido e selvático.

A terra quer muito carinho, muito amor.

Da sua parte não nega ao homem o que dela espera, mas quer ser recompensada pelo suor e pelo sangue generoso do trabalhador.

A terra é a imagem e a semelhança do homem que a trabalha. Preguiçoso em dar frutos... se ele é preguiçoso.

Pródiga em riqueza... se ele for prodígio em sacrifícios em seu favor.

Toca, portanto, a trabalhar a terra para que haja pão e alegria.

Levanta-te, cavador.

Benze-te e reza e vai para o campo.

Deus trabalhará contigo, ao pé de ti!

A seguir:

A Reabilitação da Lavoura.

Pereira & Marques, Limitada

Faz-se público que por escritura de 22 de Agosto de 1956, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, pelo notário B.º António Alves da Cunha e Silva, no seu livro de notas N.º 186, a fls. 73 e seguintes, Francisco Pereira, casado, comerciante, morador na freguesia de São Lourenço de Selho, deste concelho, cedeu a Camilo Marques da Silva Campos, casado, comerciante, morador na mesma freguesia e concelho, 25.000\$00, parte da sua quota de 35.000\$00 que tinha na sociedade acima indicada, com sede nesta cidade.

Guimarães, 23 de Agosto de 1956.

O ajudante da Secretaria Notarial, Martinho da Silva.

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e inéanias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

A NATUREZA E MUSICA

BEETHOVEN E A NATUREZA

Continuação da 1.ª página

natureza e da vida, tornaram possível, realmente, que ele enchesse a sua obra de múltiplos e extraordinários encantos, como que unindo o Céu à Terra...

Ocorrem-me neste momento os últimos versos de uma poesia de Rebelo Barbosa sobre a Natureza, versos em que Beethoven é evocado:

Ai! Quem não sentirá de Deus sua alma pura,
Ouvindo o são concerto, infundo,
Da imensa natureza, misterioso,
Forte, fecunda e jovem,
Que, livre, se opulenta em místico repositório?
Ail! Quem não sorrirá de estranhas alegrias
Aqui, onde se escutam as santas harmonias
Que lá dos astros chovem?
Levanta-te, Beethoven!

A obra deste clássico deixa igualmente transparecer o nobre exemplo que a Natureza lhe deu, e que ele próprio definiu nestas palavras, sua auto-biografia moral: «Faze todo o bem que poderes, ama a liberdade acima de tudo, nem diante de um trono faltes à verdade». E talvez por isso mesmo, Beethoven foi grande.

Dominando essencialmente o campo instrumental, com as suas «Sinfonias», as suas «Overturas», os seus Concertos, tudo de um valor tal que levou Albert Lavignac a dizer que «desde a simples sonata até à sinfonia, ele não criou senão obras-primas». Beethoven tornou-se uma figura gigantesca do mundo da música, conquistando para o estilo livre e ideal, que os progressos da harmonia foram desenvolvendo, a máxima independência.

Se, com efeito, Bach e Handel são os mais dignos representantes do estilo *jugado*, que se subordina à ciência e à lógica musicais, Beethoven e, como este, Mozart e Haydn, são os iniciadores de uma nova era da música, em que outros intensamente brilharam depois, como Wagner, poeta-filósofo e músico-poeta.

Porque são belas, enfim, as composições de Beethoven?

O que é o Belo nessa arte sublime dos sons?

Belo, diz Platão, «é o esplendor do verdadeiro», definição que, segundo Montegazza, é, a um tempo, um poema e um tratado de estética, uma das maiores e mais elevadas coisas pensadas pelo Homem...

E, afinal, na profunda acção da sua arte sobre o íntimo de cada um de nós, na nobreza que nas suas obras existe, na sinceridade e na eloquência com que ele soube exprimir toda a gama dos sentimentos humanos, é que se encontra, sem dúvida, a beleza do que Beethoven produziu, essa beleza que Lamartine definiu:

«... secret d'en haut, rayon, divin emblème, beleza que agrada à alma, que fala ao coração, que engrandece uma vida, que immortaliza um homem...»

Agosto — 1956.

Com BRZCIGA não tem fumo; tem economia! 83

Vida Rotária

A última reunião do Rotary Clube de Guimarães, realizada na pretérita quarta-feira e a que assistiram como convidados os srs. José Salgado e Manuel Fernandez Mayor, de Lisboa, presidente o sr. Albano M. Coelho de Lima, secretariado pelo sr. Eng. Helder Rocha, que fez a leitura do expediente, após ter feito algumas considerações a propósito da colocação de uma Unidade Militar em Guimarães, assunto este que mereceu os aplausos de todos os presentes, resolvendo-se manifestar à Câmara e ao Governo o regozijo do clube por tão grato acontecimento. Foi ainda apreciado o artigo que o «Notícias de Guimarães» publicou recentemente acerca de Rotary, firmado pelo distinto jornalista sr. Artur Tajal.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. José Abílio Gouveia, que dissertou sobre «Os conhecimentos científicos de Arquimedes», sendo escutado com muito interesse.

Falaram depois sobre vários assuntos os srs. António de Sousa Lima, António Augusto de Almeida Ferreira Júnior e o convidado sr. José Salgado, que agradeceu o acolhimento que lhe foi dispensado e aludiu aos seus conhecimentos sobre o movimento rotário, que vem seguindo com todo o interesse.

O Presidente usou da palavra, tanto no início como no decorrer da mesma, para tratar de vários assuntos, e fez o breve comentário final o sr. António Dias de Castro.

ALUGA-SE Em Vizela. Moradia com todas as comodidades modernas. Nesta redacção se informa. 519

Carta a uma Senhora SONHO DESFEITO

Minha Senhora:

Do túmulo de trevas onde tem jazido, principiou a erguer-se o progresso de Guimarães, como que tendo-se operado o milagre da ressurreição de um cadáver do qual apenas existiam uns ligeiros vestígios.

E assim, já se avista de fora da terra a *germinação* do Palácio da Justiça, que tem por base os restos mortais de outro edifício que deu lugar a intensa e prolongada discussão, mas que a fatalidade do destino reduziu a material para caboucos, não obstante se manter firme a lealdade e a simpatia dos seus defensores.

Hoje, porém, não se deve perder tempo com *águas passadas* e antes, pelo contrário, se deve encarar o presente e o futuro com optimismo e satisfação, uma vez que, além do Palácio da Justiça, outras importantes construções estão na ordem do dia, entre as quais a da nova Escola Técnica, também já em curso, devendo seguir-se a do novo Liceu e a do Quartel para a Unidade de Cavalaria 6, justa e mercadamente colocada em Guimarães, terra que não inveja a prosperidade alheia, mas que não deve nem pode desprezar a sua.

Ainda quanto a construções, tem andado da casa de Anaz para a de Caifaz a do edifício para a Caixa Geral de Depósitos e não será de estranhar que ainda vá para a casa de Satanaz, tantas têm sido as tentativas feitas para a sua localização.

Como V. Ex.ª vê, minha Senhora, Guimarães está a integrar-se numa era de renovação dos seus direitos e da sua velha e famosa tradição, motivo por que vão desaparecendo as chagas do mal que a atormentava. De facto, neste mundo, tudo é susceptível de sofrer modificação e só assim se poderá justificar a ideia de que «*não há mal que sempre dure nem bem que sempre ature*». Como é verdadeiro o adágio referido, nele se encontra a razão por que muitas raiosas esperanças se transformam em tristes ilusões ou, então, o contrário, isto é, a ameaça da adversidade transformar-se em presença da felicidade.

Qualquer das coisas pode acontecer a qualquer pessoa e é por isso mesmo que existe o chamado rosário das surpresas, as quais, muitas vezes, quebram os elos da cadeia que liga o passado ao presente e este ao futuro.

No entanto, no que respeita ao progresso de Guimarães, suponho que ele não atraioçará as esperanças que fez nascer no seio das aspirações dos vimaranenses e que, em face disso, continue a projectar a sua luz no cenário maravilhoso desta terra, onde se contam oito séculos de história gravados em símbolos de patriotismo na própria Alma Nacional.

E agora, minha Senhora, que continuo a ter falta de boa disposição para passar tempo a manejar a caneta, termino com os desejos de V. Ex.ª e os seus gozéis esta época de calma e com boa saúde.

Agosto de 1956. De V. Ex.ª

cd.º ven.º e obg.º X.

Novo Inspector de Finanças

Após concurso, acaba de ser nomeado Inspector de Finanças o nosso prezado amigo sr. Silvério Ferreira Marques de Castro, casado com a nossa conterrânea sr.ª D. Arnaldina de Sousa Lobo, o qual vinha exercendo o cargo de Chefe da Secção de Finanças da comarca de Pinhel.

Por tal motivo lhe apresentamos as nossas felicitações.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

A fim de verificar o local para a ampliação do Hospital, esteve na Misericórdia o sr. Arquitecto Read Teixeira, chefe dos Serviços de Arquitectura da Comissão de Construções Hospitalares.

Sua Ex.ª foi recebido pelos srs. Provedor e Vice-Provedor, com quem conferenciou sobre o assunto, que é, de facto, de grande interesse para a Assistência Hospitalar deste Concelho.

Confraternização dos «Obreiros» da MARCHA

No passado domingo, 19, reuniram-se na nossa formosa Penha os obreiros da *Marcha Gualteriana*, em confraternização num almoço e jantar ao ar livre, tendo decorrido da melhor maneira possível, com a alegria peculiar dos seus componentes.

Presidiu o sr. José Luis de Pina, tendo a ladeá-lo os srs. Domingos Alves Ferreira, Aurélio Ferra, Benjamim Alves Ferreira, António da Fonseca Ferreira, Luís Gonzaga Leite, etc., etc.

Após o almoço, servido num maravilhoso recanto desta formosa Estância, falou o sr. Aurélio Ferra,

«...Esse teu braço moreno, que me embalou em pequeno, pela Vida me acompanha: — no meu Sonho se demora como nos tempos de outrora, lá no cimo da Montanha!...»

A minha doce esperança só me sorriu em criança, quando ao colo me trazias: — folha amarela, voou, mas o teu amor ficou, que o sinto todos os dias!...

Quedei num viver tristonho, ao brando sol do meu Sonho, minha fé, e meu conforto: — baixou a mim a tristeza, o pesar, a incerteza de sonhar num Sonho morto!...

«...O teu olhar, triste e vago, dentro em meu peito o trago a guiar-me os breves passos: — nas curvas do meu caminho sinto calor e carinho, como se fora em teus braços!...»

Os teus branquinhos cabelos, eu quisera sempre vê-los ao pé da nossa lareira: — e escutar falas bondosas, desfolhando ternas rosas à luz da mesma fogueira!...

Esses teus dedos esguios senti frios, muito frios, na tua branquinha mão: — delgados, muito delgados, estavam quase gelados, mas quente o teu Coração!...

VI-1956. SALVADOR DANTAS.

Reunião dos antigos militares do Regimento 20, em 1958

Continuação da 1.ª página

chegue ao conhecimento do maior número de velhos militares do 20, e organizem os actos comemorativos dos feitos do R. 1. 20, quer em Angola, quer na França, sendo estes últimos o pretexto do seu quadregésimo aniversário, e o seu coroamento com o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Quanto à Comissão de Honra parece não haver necessidade de alterar a que já presidiu à reunião de 12 de Março, e até se podem acrescentar alguns nomes, como os dos coronéis Frutuoso de Carvalho e Mendes Norton, e major Manuel de Almeida, que ficam muito bem integrados.

A Comissão Executiva é que terá alguns trabalhos a seu cargo e, entre outros, o do aviso ao maior número possível de antigos militares do 20, a elaboração de uma Monografia do Regimento 20, resumida, o programa das cerimónias e as diligências para a criação do Monumento aos Mortos.

Ora tudo isto, embora parecendo de pequena monta, é demasiadamente pesado para os poucos oficiais e sargentos residentes em Guimarães e proximidades, e aos quais se possa pedir um esforço desta natureza, mas não há outra solução senão apelar para os que vivem aqui perto.

E, assim, propõe-se a seguinte Comissão Executiva:

- Coronel Mário Cardoso
- Coronel M. Sousa Guedes
- Tenente-coronel Martins Ferreira
- Capitão F. Martins Fernandes
- Tenente Carvalho Melo.

A esta comissão podem-se juntar, embora não tenham pertencido ao R. 1. 20, os antigos combatentes, e residentes em Guimarães, tenente Ernesto Moreira dos Santos e alferes Cunha.

É claro que fico à disposição dos comissionados para o que entenderem que lhes seja prestável.

Ainda há ano e meio para preparar as cerimónias, espaço que parece suficiente para lhes dar um destaque condigno.

Estão assim lançadas as bases da reunião dos antigos militares do Regimento de Infantaria 20, para 12 de Março de 1958, esperando o assentimento dos indicados para continuar estas considerações.

Jugueiros — Felgueiras, 20 de Agosto de 1956. A. DE QUADROS FLORES.

tendo palavras de agradecimento, louvor e incitamento para todos os obreiros, e para o Mestre querido e fundador da «Marcha», sr. José de Pina, tendo lido ainda umas quadras alusivas ao mesmo, à «Marcha» e a Guimarães.

Em seguida falaram também os srs. António da Fonseca Ferreira e Benjamim Alves Ferreira, com aquele verdadeiro entusiasmo próprio da mocidade.

Ao fim da tarde foi o local visitado pelo grande amigo de Guimarães e dos Caixeiros, sr. Joaquim de Sousa Oliveira, ao qual foi dispensada uma grandiosa ovação.

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

A Concha dourada

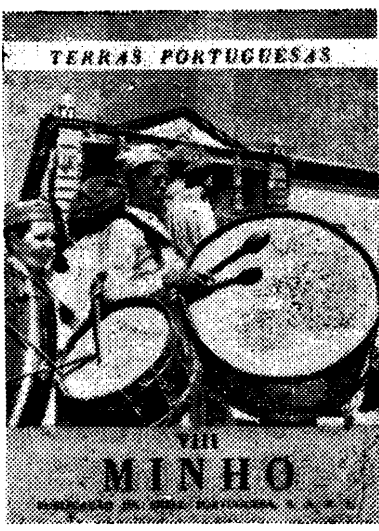
APESAR DOS ALVORES da idade atômica que começam a clarear no horizonte, o petróleo, produto humilde que ganhou no seio da terra, em milhões de anos de trabalho de transformação, todo o seu potencial incomensurável, mantém ainda, bem cioso da sua importância, toda uma série de trunfos, sem os quais a vida humana perderia toda a sua feição moderna e dinâmica e a civilização contemporânea as suas características essenciais.

A sociedade repousa hoje sobre dois pilares fundamentais: o combustível líquido e o lubrificante. Proveniente de restos orgânicos sepultados, o petróleo é bem a simbiose viva desses incontáveis milhões de mortos, ressurgidos ainda um momento para, depois de um último esforço de utilidade, se redirezirem ao nada.

O leitor já pensou algum dia, detidamente, na importância da indústria do petróleo na vida moderna? ... Imagine, por instantes, o que lhe aconteceria se numa des-

como é costume, e estendida a mão para o interruptor. Comprimia e... nada! Era a primeira decepção. Não havia luz eléctrica. As máquinas, nas grandes centrais, não podiam funcionar por falta de combustível e de lubrificantes. Um pensamento lhe acorria então ao espírito: — procurar o auxílio da vela, aquela mesma que deixara na véspera na gaveta da mesa-de-cabeceira. Um sentimento de espanto acordava-o de vez da semi-inconsciência que segue o seu sono. Na mão, tinha apenas o pavio, flácido e mole como uma linha, pois a parafina havia desaparecido.

Resoluto, porque é homem que preza os seus direitos e cauteloso, porque as coisas começavam a ter um ar de mistério, resolvia então estabelecer duas comunicações telefónicas: uma com as C. R. G. E., a pedir providências, e outra com o seu maior amigo, a dar conta do que se passava em sua casa e a informar-se do que se passava na dele.



O MINHO NA COLEÇÃO «Terras Portuguesas»

CONSTITUIU bela contribuição para o conhecimento de Portugal o oitavo volume de «Terras Portuguesas», dedicado à província do Minho, cujo encanto de paisagem e diversidade de panoramas a torna numa das mais atractivas do nosso País.

Esta iniciativa da Shell Portuguesa tem encontrado, por parte do público, um acolhimento invulgar que se traduz na circunstância de ter sido necessário reimprimir os volumes consagrados respectivamente ao Ribatejo, Algarve, Estremadura, Douro, Alentejo, Beira Alta e Beira Litoral. Ora o Minho encontra-se inteiramente na linha elevada dos anteriores e deve-se, quanto ao texto, à excepcional autoridade de Gustavo de Mattos Sequeira, e quanto à direcção artística e fotográfica a Joaquim de Mattos Sequeira, cujo entusiasmo pela série «Terras Portuguesas» a tornou possível por maneira tão brilhante.

O carácter da região minhota, o seu panorama geral, a paisagem e habitantes, a sua História e monumentos, os usos e costumes, tudo isso se espelha em cativante prosa e em magníficas fotografias através do oitavo volume de «Terras Portuguesas». Vai sendo assim enriquecida uma iniciativa que teve o seu complemento com os volumes consagrados à Beira Baixa e Trás-os-Montes, dando assim aos possuidores da colecção uma notável perspectiva de conjunto da nossa Terra, sob o aspecto cultural, folclórico e turístico.

A FUNÇÃO EDUCATIVA DO CINEMA

A MASSA de conhecimentos que é hoje exigida ao homem comum, nos diversos ramos da sua actividade, excede a capacidade normal de assimilação e, assim, cremos ser da máxima utilidade qualquer esforço sério, realizado no sentido de divulgar e tornar mais acessíveis e assimiláveis os principais problemas, práticas e novas descobertas nos campos vastos das grandes indústrias, da técnica, da Ciência.

O Cinema, tendo provado ser um meio de entretenimento de ilimitadas possibilidades, revelou-se ainda excepcionalmente eficaz não só na pura divulgação do conhecimento, mas também como complemento de lições e ensinamentos ministrados em escolas técnicas, liceus, universidades, etc. O cinema educativo tomou tal incremento que existem já, em muitos países, numerosas instituições especializadas em pedagogia cinematográfica.

Criada especialmente para a produção de documentários de informação com elevado conteúdo instrutivo, a Shell Film Unit realizou até agora cerca de 140 filmes focando os mais variados temas científicos e técnicos e dedicando ainda especial atenção aos grandes progressos verificados no campo do automobilismo, da aviação e, de uma maneira geral, em todos os transportes.

A Shell Portuguesa, que desde 1952 vem realizando sessões cinematográficas em todo o País, tem o maior prazer em colocar à inteira disposição do público os filmes produzidos pela Shell Film Unit, agora integralmente vertidos em português.

A propósito de automóveis...

TEMPOS MODERNOS

FOI POR ALTURAS de 1894 que se construiu o primeiro veículo parecido com um automóvel moderno — já tinha pedais de travão e acelerador, o motor estava dentro de um «capot», na parte dianteira do carro, a embraiagem era comandada pela mão direita e o «chassis» era quase como os de hoje. O construtor foi José René Panhard, o pioneiro da grande fábrica que tem o seu nome.

Um mal os tempos, naquela época, para o desenvolvimento do automóvel. Arreavam-se as gentes dos inúmeros malefícios de que aquela ruidosa máquina era causa — se ela secava o leite às vacas, só de ouvi-la e vê-la — e foi a coisa ao ponto de se ter votado, no sisudo Parlamento inglês, a célebre lei da «bandeira vermelha» que vigorou desde 1831 a 1896. Determinara-se em Inglaterra, para sossego e segurança dos seus habitantes, que à frente de cada veículo sem tracção animal seguisse um homem a pé, empunhando durante o dia uma bandeira vermelha e durante a noite uma lanterna da mesma cor. Assim se punha um travão poderoso à expansão dessa máquina perversa e se glorificavam o cavalo e o boi, dedicados colaboradores que puxaram a Humanidade durante tantos séculos e que, sobre o automóvel, apresentavam a insuperável vantagem de se deixarem comer quando já não puxavam mais.

A trepidante máquina que seguia, arfando, atrás do homem da lanterna vermelha, acabou por suprimir o homem, colocando a lanterna na traseira. Foi esta amarga ironia que pôs termo a 65 anos de domínio do homem sobre o automóvel; daí por diante, desde esse recuado ano de 1896, foi o automóvel que passou a dominar o homem, despótica e completamente.

Vai longe o tempo feliz em que o proprietário de um carro de bois, se tivesse a sorte de estes serem vacas, podia ter leite, transporte e bifés em troca de palha e pouco mais. Nos tempos modernos, é frequente ver-se os proprietários de automóveis correndo de Herodes para Pilatos em busca do «benzol» ou da «mistura ternária» com que possam satisfazer o apetite caprichoso das suas máquinas. Descobriu-se mesmo, recentemente, que o automóvel consome três vitaminas

que são indispensáveis para o seu andamento normal: a vitamina T, que controla o gasto dos pneus; a vitamina B, que se suspeita regular o metabolismo da bateria; e a vitamina A, que controla a assimilação dos acessórios.

O automóvel, que resistiu galhardamente à «lei da bandeira vermelha», com que a Inglaterra procurou entravar o seu desenvolvimento, forçando-o à imobilização, atravessa o período mais perigoso da sua história. É que Portugal, recolhendo a lição do passado, não tenta já obrigá-lo a estar parado: procura, pelo contrário, rendê-lo pela exaustão, não o deixando estacionar, por muito tempo, na via pública. Em Lisboa, por exemplo, o limite é de meia hora.

SABIA QUE...

... os Estados Unidos estão cobertos por uma complexa rede de condutas de óleo, cujo comprimento total — sem contar com linhas secundárias — chega para dar quatro vezes a volta à Terra?

... se calcula que, de todos os produtos químicos produzidos na Grã-Bretanha, em 1955, mais de um terço era de origem petrolífera?

... o equipamento de perfuração e técnicas aperfeiçoadas permitem hoje abrirem-se poços nove vezes mais depressa que há trinta anos?

... cada homem, mulher e criança, nos E. U. A., gasta uma média de 17,5 barris de petróleo, sob a forma de produtos seus derivados?

... o termo «rocha de mala de viagem» é uma expressão que nenhum prospector petrolífero gosta de ouvir? (Quando a broca embate contra um tipo de rocha sob o qual nunca se encontrou petróleo, ou seja a «rocha mala de viagem» — a única coisa que resta aos prospectores é fazer as malas e ir para outro lado tentar de novo).

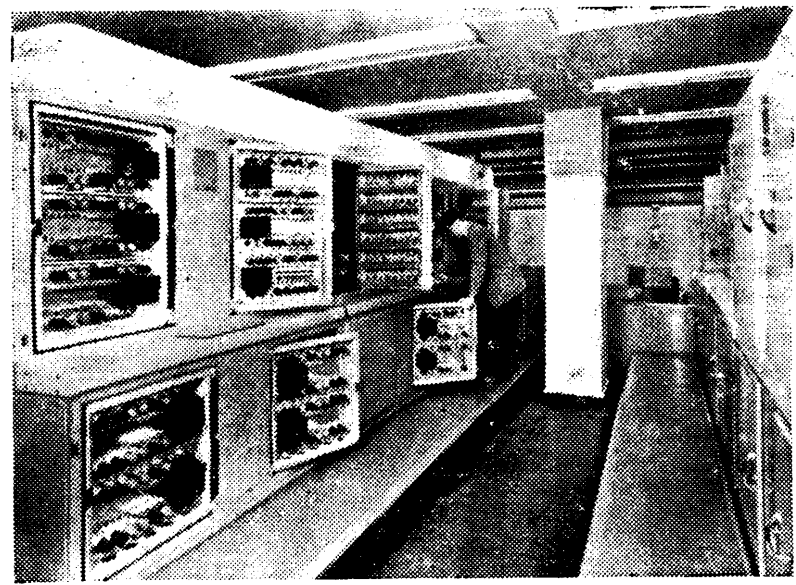
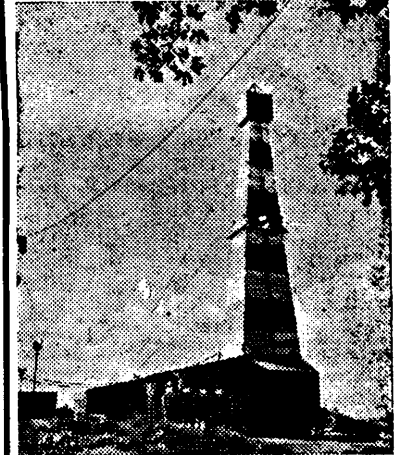
PERFURAÇÃO SILENCIOSA DE POÇOS PETROLÍFEROS

FOI RECENTEMENTE instalada na cidade de Maracaibo — pela Shell — uma aparelhagem de perfuração de poços petrolíferos que apresenta a característica especial de ser praticamente silenciosa, evitando-se, assim, que os moradores dos edifícios vizinhos sejam perturbados no seu repouso ou no seu trabalho. O seu custo ascendeu a 1.280 contos, mas o resultado foi animador, porquanto, à distância de cerca de 900 metros, o ruído, que é geralmente forte com a aparelhagem normal, fica reduzido a uma pequena vibração.

Além da aparelhagem de perfuração própria dita, isolou-se também o equipamento complementar, que é composto por bombas, geradores e um compressor de ar. O material isolador consiste numa série de painéis que são adaptados à torre de perfuração (derrick), cobrindo-a completamente. Estes painéis são constituídos por uma camada interna de fibra de vidro com 2,5 cm. de espessura, entre duas outras de tecido de fibra de vidro, impregnado de plástico vinílico, a fim de se evitar o risco de fogo ou de apodrecimento.

A superfície exterior apresenta-se acolchoada. Os painéis estão providos de olhais junto às bordas para facilitar a sua fixação à torre, por meio de cavilhas especiais, pernos ou cordas. Além disso, possui também uma espécie de abas que se sobrepõem aos painéis contíguos e são presas por grandes alfinetes de segurança.

Terminado o trabalho de perfuração, o equipamento isolador pode ser desmontado e aplicado noutra local, à escolha da Shell.



O cérebro electrónico, no Laboratório da SHELL, em Amsterdão

tas noites qualquer cataclismo misterioso fizesse desaparecer de todo o globo os produtos do petróleo, quer no estado puro, quer no estado trabalhado. Veja só isto. Acorrava, espreguiçava-se um pouco,

Esforço inútil! A ausência de óleo gripava os quadros de comando e o mecanismo da central telefónica.

O leitor começava a sentir-se recesso e, diga-se de passagem, com inteira razão. Pensava já que se encontrava possivelmente só à face da terra.

A ideia dos Marcianos surgia-lhe, de repente, na imaginação, com a maior naturalidade possível. E o leitor que se ria dos «discos voadores» e dos Marcianos...

Era preciso banir do espírito uma coisa dessas. Chegava então à janela e verificava, com certo alento, que andava muita gente na rua, muito mais do que a habitual.

Adquirida a certeza de que não estava só no Mundo, começava a vestir-se rapidamente, é claro. Estava ansioso por ir para a rua. Mais algumas desilusões o aguardavam ainda dentro de casa. Na casa de banho não encontrava a brilhantina, precisamente naquele boião que estava quase cheio. A camisa e as peúgas de «nylon», que tinha comprado por módicos preços num leilão de contrabando, haviam desaparecido como por encanto... Nem amostra da pomada para os sapatos ou dos esticadores dos colarinhos que na véspera tinha deixado bem localizados. Vestia-se como podia e, por fim, chegava à rua. Satisfeito e dirigia-se à tabacaria da esquina, para comprar o jornal da manhã. Queria ter notícias da catástrofe... Mas os jornais não tinham saído. As grandes impressoras não haviam funcionado por falta de tinta, de óleo e de corrente eléctrica.

Também não havia eléctricos, nem autocarros, nem táxis, e as ruas e avenidas, desaparecido o asfalto, pareciam leitos de ribeiros de pedras revolvidas, como se tivesse caído sobre a cidade a mais gigantesca tempestade. Com a falta de lubrificante, seria impossível mesmo mover uma bicicleta. Só a pé poderia alcançar o lugar de trabalho, onde a falta de telefone e de correspondência e a imobilidade das máquinas de escrever impediam qualquer actividade e a todos lançavam na mais fantástica surpresa e espanto.

A grande sinfonia do trabalho nas fábricas, oficinas e escritórios calara-se como por encanto. O Mundo inteiro transformava-se numa aldeia recôndita, no repouso e calma de uma manhã dominical. A vida retrocedia num instante alguns séculos e baixava, em vertigem, ao nível da Meia Idade.

(Continua na 4.ª página)

O PROBLEMA DO TRÂNSITO



OBTEVE incontestável êxito o excelente folheto a cores, intitulado «De Pequeno se torce o Peão», que constitui a colaboração da Shell Portuguesa na Campanha de Segurança do Trânsito, promovida pelo A. C. P.

Com desenhos apropriados, caricaturando as situações criadas por actos de inconsciência, na rua ou na estrada, este folheto destina-se principalmente às crianças pois que, como salienta, «de pequenino se torce o peão». Contudo, frisa bem que todos os adultos que passem os olhos pelo seu texto têm a pesar-lhes nos ombros grande responsabilidade: cabe-lhes ensinar e orientar os jovens com salutares conselhos e sobretudo com os próprios exemplos.

Preparado com a intenção de ser distribuído pelos estabelecimentos de ensino do País, entidades relacionadas com o trânsito e automobilistas, o folheto termina com as seguintes palavras: «A luta contra o acidente não é dever especial de um ou de alguns, mas de todos, e por isso a todos cabe, com palavras e acções, completar as sugestões deste pequeno livro».

Esta oportuna publicação constitui um complemento às Escolas de Trânsito, outra iniciativa de «Public Relations», e foi consagrada pelo público.

SERVINDO A LAVOURA



Dada a extraordinária importância da Agricultura na vida económica e social da Nação, a Shell Portuguesa não podia ficar indiferente a uma iniciativa de tão largas repercussões como é o Movimento de Intensificação Agrária, lançado em tão boa hora pelo Senhor Subsecretário de Estado da Agricultura, Professor Dr. Vitória Pires.

Aumentar os rendimentos unitários da nossa Agricultura e reduzir, paralelamente, os custos da produção, no mais curto espaço de tempo, são objectivos que os Portugueses, a bem da Lavoura e do País, devem ajudar a alcançar por todos os meios ao seu dispor.

Consciente da sua posição no Mundo, a Shell está empenhada em contribuir, efectivamente, para a desejada melhoria do nível de vida dos povos. Ora tanto na Europa como na América, de há muito que se procura, pela divulgação, interessar as populações num aproveitamento, mais racional e científico, das principais riquezas dos diversos países.

Assim, e como a Agricultura tem particular relevo em Portugal, a Shell Portuguesa edita mensalmente um Boletim Agrícola, com uma tiragem de 20.000 exemplares, o qual consiste numa forma prática de colaborar no Movimento de Intensificação Agrária. Distribuindo-o gratuitamente, a Shell Portuguesa já-lo chegar, tanto quanto possível, à mão dos agricultores, divulgando por esse modo práticas e preceitos que a técnica moderna recomenda.

Nesta «Panorâmica», será sempre inserida uma crónica dedicada à Agricultura, pois no conjunto nacional os lavradores minhotos têm, sem dúvida alguma, lugar de destaque.

Carta a um Lavrador

CARO AMIGO:

Já te sucedeu, por certo, encontrares no teu pomar ou na tua horta algumas árvores de fruto cheias daqueles pequenos insectos que tantos danos lhe causam e a que chamas vulgarmente piolhos. À tua primeira ideia ao deparar com esse quadro que muito te arrelia, eu sei, é procurares no teu armazém o frasco com um desses magníficos mas tremendos «remédios» que a «farmácia» agrícola agora te fornece, preparares a calda na dose indicada e pulverizares as plantas doentes. Deitas mão à obra e, terminado o teu trabalho, voltas para casa, arrumas o teu material depois de limpo, sentindo-te no teu íntimo satisfeito pelo bom trabalho que fizeste.

Bom trabalho?! Não sei... talvez não fosse... No dia seguinte, vais observar,

como é natural, o resultado do tratamento e, quando lá chegas, vês sobre as plantas muitos piolhos mortos, olhas para o chão e reparas que também há outros, muitos outros «bichos» mortos: são joaninhas de diversos tamanhos, uns formigões com asas, também de diversos tamanhos, moscas, uma espécie de pequenas libélulas, umas larvas como vermes, etc.

Não olhas para mais nada e vais-te embora, radiante, dizendo para contigo: — «Liquidei aquela «bicharada» toda!... Bom trabalho!...»

Talvez não fosse... Passados poucos dias, voltas ao mesmo local, olhas para as árvores, e notas que alguns ramos já estão novamente infestados de piolhos e, reparando melhor, vês também que há muitas formigas a subir pelo tronco, mas não vês mais dos outros, daqueles «bichos» que encon-



traste mortos no chão depois do tratamento.

Pois não, é pena, porque eles eram bem teus amigos e grandes amigos! E tu matáste-los todos!...

Mas, então, o que sucedeu, perguntarás? Simplesmente isto: o tratamento matou muitos piolhos, mas não todos; não matou as formigas que são amigas deles e a quem protegem, mas matou todos os inimigos dos piolhos que são, portanto, teus amigos.

Melhor teria sido que combatesse as formigas pulverizando o tronco com um desses formicidas modernos de que certamente já te

(Continua na 4.ª página)

Câmara Municipal

Reunião de 9 de Agosto

(Continuação do último número)

— Retirar autorização de passagem com água pelo caminho público que vai do lugar do Codeçal ao Outeiro, em Aباção, S. Tomé, convidando-se a interessada a requerer a licença para o atravessamento do caminho com águas de rega que deverão ser devidamente entubadas;

— Adjudicar a Sebastião de Freitas a execução dos trabalhos de adaptação dos stands n.º 1 e 2 da ala direita do Mercado para talhos de venda de carnes pela importância de 19.720\$000;

— Pronunciar-se pela liquidação do excesso de orçamento da importância de 5.022\$55 para reparação da viatura dos serviços da Brigada do Trabalho Prisional desta cidade;

— Notificar o Sr. Domingos Fernandes, proprietário de uma ramada existente no lugar de Montezinhos da freguesia de Saldas, S. Miguel, a proceder à sua demolição até 31 de Outubro p. f., em virtude de se encontrar em logradouro público;

— Conceder à Junta de Freguesia de Candeos, S. Tiago, o subsídio destinado à cobertura e vedação do tanque da mina que vai do lugar da Veiga à Poça do Caminho;

— Mandar proceder, por administração directa, à colocação de duas soleiras a ladear os passeios em reparação na Vila das Taipas e adquirir 100 cubos para construção de caldeiras das árvores ali existentes;

— Conceder licenças para obras a: Silvino Alves de Sousa, Amândio Pinto Maia Silvério, José Ribeiro, Manuel Marques, Joaquim de Almeida Guimarães, Jerónimo Salgado, Jerónimo Lopes, António Francisco, José de Lemos, Joana de Belém e Francisco Mendes;

— Conceder alvará de licenciamento sanitário para um estabelecimento de taberna na Rua de Santo António, em Caldeas, em que é requerente Oscar Pereira Ribeiro;

— Conceder licença de habitação a Bernardino Alves Marinho e Damião de Sousa Oliveira;

— Conceder licença a título precário, a António Leite para construção de um barraco no lugar do Alto, da freguesia de Azurém, desde que não seja destinada a habitação;

— Conceder licença para ocupação dos seus estabelecimentos com mesas e cadeiras, a Adelino Pereira da Silva, de Vizela e Jorge Vilaça de Freitas Neves;

— Autorizar a colocação de uma tabuleta na fachada nascente da Ourivesaria de Casimiro da Silva Lopes, sita na Rua da Rainha, desta cidade;

— Indeferir o requerido por J. S. Marques Rodrigues para construção de um muro de vedação de um terreno sito no lugar do Tarrio, em Sande, S. Martinho, em face da informação da respectiva Junta de Freguesia, dando-se conhecimento ao interessado de que poderá apresentar novo projecto em que garanta o acesso à fonte pública existente naquela localidade;

— Que aguarde oportunidade o pedido de Daniel Teixeira Marques para construção de um prédio no lugar de Monte Negro, em Selho, S. Jorge, em face da informação do Arquitecto Urbanista;

Reunião de 16 de Agosto

A Câmara reuniu sob a Presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, pelo qual foi feita a seguinte comunicação:

«Gostosamente comunico à Câmara que tenho recebido inúmeros telegramas, officios e cartas de entidades oficiais e particulares, com felicitações pela colocação de uma Unidade Militar nesta cidade.

Também comunico que recebi de Sua Excelência o Senhor Ministro da Defesa Nacional os telegramas que foram já publicados nos jornais.

— Pelo Vereador Sr. José Maria Pinto de Almeida foi apresentada a seguinte proposta a qual foi aprovada por unanimidade:

«Tendo sido presente à anterior Sessão desta Câmara o ante-projecto do novo edificio destinado ao Liceu desta cidade, que se encontra integrado na alteração aprovada pelo Excelentíssimo Senhor Ministro das Obras Públicas, ainda que não fosse dever, seria alta razão de agradecimento manifestar a Suas Excelências os Senhores Ministros da Educação Nacional e Ministro das Obras Públicas os sentimentos desta Câmara, não só obedecendo a imperativos duma cultura tradicional, que sempre aureolou esta Cidade e à satisfação dos problemas do ensino de tantos agregados familiares, duma populosa região, mas ainda no reconhecimento da compreensão do Governo da Nação, que com felicidade nos rege, ao dotar Guimarães com a realização de um dos seus mais justos anseios.

«Nesta conformidade votiva e reconhecida, sempre pensando nos destinos duma Cidade intimamente ligada aos destinos nacionais, tenho a honra de propor que na acta desta sessão fique solenemente exa-

rado o voto de agradecimento e de exultação, pela realização em Guimarães duma das suas mais veementes aspirações.

«Dentro deste pensamento, mais proponho que aos Senhores Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas, Conselheiro Albino dos Reis e Engenheiro Duarte de Carvalho Pinto Freitas do Amaral, sejam enviados em nome desta Cidade e do Povo deste concelho telegramas de vivíssimo e entusiástico louvor e profundo reconhecimento».

Em seguida a Câmara deliberou:

— Diligenciar junto do Grémio da Lavoura no sentido de a representação concelhia na Exposição Agrícola de 1956, a realizar na cidade do Porto, se fazer com o maior brilhantismo possível, interessando-se especialmente por essa realização os detentores da indústria caseira;

— Diligenciar no sentido de ser feita a necessária propaganda aos espectáculos de Opera a efectuar no mês de Outubro próximo no Teatro Jordão desta cidade, pela Sociedade Nacional de Música de Câmara com as peças «Rigoletto» e «Traviata»;

— Informar a Junta de Freguesia de Mesão-Frio de que parte daquela freguesia e provavelmente os lugares de Cruz de Argola e Devesa se encontram dentro do Plano dos prolongamentos à rede de abastecimento de água a executar dentro em breve, e recomendar aos Serviços Municipalizados a conveniência de dar prioridade à execução deste prolongamento sobre quaisquer outros previstos;

— Promover o despejo sumário do prédio situado no lugar da Boquinha, da freguesia de Gandarela, deste concelho, no prazo de 45 dias, a contar da data da notificação, atendendo à sua eminente ruína e ser necessário proceder à sua demolição;

— Mandar proceder aos trabalhos a mais da obra de «abastecimento de água à freguesia de Oleiros» e mandar empedir em calçada portuguesa de uma zona fronteira ao fontanário de modo a permitir rapidamente escoamento de água;

— Mandar proceder, por administração directa, à reparação com ensaibramento das estradas municipais n.º 11, de Brito, n.º 13, de Campelos, e n.º 29, de Ronfe;

— Indeferir o pedido feito por João de Abreu, da freguesia de Polvoreira, para construir um prédio no lugar de Fardelos, da mesma freguesia, com os fundamentos que constam da respectiva informação;

— Indeferir o pedido feito por António Ribeiro Pinheiro, da freguesia de Nespereira, para reconstruir o seu prédio situado no lugar de Arrau, da mesma freguesia, com os fundamentos que constam da respectiva informação;

— Adjudicar a Domingos Rodrigues a obra de abertura de um poço para abastecimento de água ao lugar de Ribas, da freguesia de Frazins, Santa Eufémia;

— Conceder as seguintes licenças para obras: a Francisco Machado Ribeiro Guimarães, Tomás Fernandes, Joaquim Gonçalves, José Gonçalves, Maria Rosa Pereira, Maria de Oliveira e Silva e Joaquim Francisco da Silva.

A Lutuosa de Portugal

(Associação de Socorros Mútuos)

PORTO

Recebemos um exemplar do Relatório desta Instituição Mutualista, com sede no Porto, de que salientamos os seguintes números:

Total dos subsídios subscritos em 31 de Dezembro do ano findo, 222 mil contos; subsídios pagos até à mesma data aos beneficiários de 5.083 sócios falecidos, 99.000 contos; valores capitalizados na mesma data, 66.000 contos representados em dinheiro depositado, papéis de crédito público e particular, empréstimos hipotecários e prédios urbanos para habitação e comércio, construídos naquela cidade.

A existência de sócios de ambos os sexos, na mesma data, era de 11.127, inscritos nas idades dos 16 aos 44 anos, nos subsídios de 5 a 30 contos.

TIRO AO ALVO

É verdade, sim senhor,
Que certa pastelaria
Cá do burgo, sem pudor,
Explorou em demasia,

Certo freguês, no «verdinho»:
— Sete mil duzentos, safa...
Por meio litro de vinho
Branco de pipa, em garrafal...

Molhar o bico é bom,
Em dias de calmaria;
Mas cautela, pois então,
Na bolsa não há folia.

Alex.

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR

M Æ E

Na forma delicada, no colorido, nas pétalas, na fragrância e suavidade dos perfumes, na graça e doçura das flores, se concentra o esplendor da beleza.

Na plumagem, na maviosidade do canto, na esbelteza e natural garulice dos pássaros se enfaixa todo o encanto da vida. A ninfa que brota murmurante do solo e se escorre murmurando em queixas por entre as ramarias, de verdejantes relvas, resume a cristalinidade da pureza no mar instável, movediço, ora calmo e balouçando, acariciando as praias alvacentas, ora revoltado, estuante e encapelado surrando as encostas com suas ondas violentas, se manifeste a força.

Na brisa que passa fagueira e leve como suspiros emocionais, carregando pelo seu trajecto o sussurro das fontes, o perfume das flores, o alacre cheiro das florestas e o som harmonioso da passerada se expande a expressão maior de carícias e afagos. No sol, quando de leve toca a face da terra, no alvorecer ou à beira doce de docemente da despedida da tarde; ou quando a pino, espadana a sua fulgurante luz, animando a vida, onde quer que penetrem suas cálidas fagulhas, acrisola-se toda a munificência do amor. Na lua, encastelada no firmamento, em qualquer de suas fases, quer no plenilúnio espraçando por todos os recantos a maciez poética da sua doce claridade, velando a terra qual benfazejo anjo da guarda, sempre inspiradora e enternecida, decantando-se a extraordinária sensibilidade da ternura.

No céu amplo e profundamente azul dos dias ensolarados, às vezes pontilhado de graciosas nuvens brancas, vezes outras, encoberto de cúmulos cor da fuligem por trás das quais coriscam relâmpagos, estrondam trovões ameaçadores, ora alumbrado completamente pela densa cortina ruidosa dos aguaceiros, encontra-se a manifestação perfeita das incertezas.

Na multidão de estrelas que fulgem no espaço além, em claras noites de luar, encantando-nos a vista ante o grandioso espectáculo dos reverberos, qual extenso jardim plantado no infinito a caminho do empírio estão configurados na eloquência do que é divino, todos os anseios da existência.

Toda a magnitude de sentimentos, emoções, amor e sensibilidade de alma, toda a sublimidade da dedicação e do afecto, toda a essência do despreendimento, toda a realidade da ternura, toda a sublimidade da dor da aflição das incertezas, toda a profundidade do mais sacrosanto carinho, mais puro que o aroma das flores, mais doce que o melódico trinar das passaradas, mais límpido que a água da linfa, muito mais suave que o perpassar da brisa, mais terno que o afago das ondas nas praias, mais forte que a bravura do mar encapelado, mais vivificante do que a luz solar,

GRAÇAS

Rosa Passarelli, residente na Rua Mandaqui, 33, S. Paulo, agradece a cura de seu filho que estava com quisto na perna; Maria da Cunha, residente na Rua 5, n.º 29, em Cotia, após seu pedido a Izildinha seu filho deixou o vício de beber; Júlia Batanzi, residente na Rua de Silva Bueno, 191, S. Paulo, foi favorecida com a cura de fortes dores de estômago de que há muito, vinha sofrendo; Matilde Prado, residente na Rua Engenho Velho, 220, S. Paulo, agradece a graça de seu irmão estar curado de derrame sob a protecção da menina; Maria de Lourdes Santos, residente na Rua Elza, 59, S. Paulo, recebeu a graça da cura de sua filha que sofria da vista; Arminda Carlos Lourenço,

Na nossa Redacção é na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Quinzenalmente publicaremos as Crónicas, a 18.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

Carta a um Lavrador

(Continuação da 3.ª página)

ifalaram e deixasses aos teus amigos, os outros insectos mencionados, o trabalho de limpar a copa das árvores dos pinhos.

Vais perguntar-me agora: mas então os insecticidas já não devem empregar-se?

Sim, devem, mas só depois de saber exactamente o que se pretende combater e de bem reflectir sobre o provável efeito do tratamento. No teu caso, era necessário fazer o combate aos pinhos duma forma indirecta, atacando as formigas.

A propósito, já reparaste que em todo o Minho aparecem há uns anos para cá, maior número de pássaros? E sabes porquê?



Menina
IZILDINHA
O Anjo do Senhor
17-8-1947 7 34-5-1911

mais caricioso que o luar, mais profundo e amplo que o céu azul, mais sobressaltado que as tempestades singradas de relâmpagos e trovões, tão maravilhosos ou mais, quanto a eloquência cintilante de todos os astros, mais rutilo que a apoteose dos jardins espirituais plantados à beira das estradas que conduzem ao Reino de Deus, é, sem dúvida, o coração de MÆE.

Alí se encontram todas as virtudes e dele se afastam todas as maldinações, todas as maldades, quando essa figura sublime que é a MÆE, traz ao colo para amamentar, o filho recém-nascido que, com tantas dores e alegrias, trouxe ao mundo, quando o conduz pelas mãozinhas, ensinando-lhe os primeiros passos, quando à cabeceira do berço se desfaz em prantos e soluços, ao vê-lo enfermo; radiante quando, já crescido, o jovem abraça ao receber uma diplomação; feliz ao beijá-lo no dia dos seus esponsais.

MÆE é tudo. É o expoente máximo do beijo e do divino, do grandioso e do eloquente, na sublimidade do bem, do amor e do amar, com relação aos filhos.

É a maior, a suprema dádiva de Deus para a felicidade do género humano.

No DIA DAS MÆES, volvamos o nosso pensamento envolto na mais pura homenagem afectiva dos nossos corações para esse ente sobre-tudo querido e adorado que é a nossa progenitora. E nesse pensamento, que há-de reflectir o mais profundo sentimento filial da nossa alma, depositemos na sua fronte abençoada, o mais terno, o mais comovido, o mais puro, o mais respeitoso, o mais profundo e o mais reconhecido dos nossos beijos.

Santificada seja por todo o sempre, na vida e na morte, a nossa extrema MÆE!

residente em Caxingui, estava com sua filha desenganada pelos médicos e após ter pedido o auxilio de Izildinha, ficou completamente curada; Maria Nascimento, residente na Rua Caraihas, 482, S. Paulo, sob a protecção da menina encontrou um objecto de estimação que havia perdido; Cenira de Sousa, residente na Rua Augusto Severo, 61, S. Paulo, ficou curada de cólicas no fígado; Altamira Santos, residente na Rua Félix de Carvalho, 14, S. Paulo, que conseguiu vender um terreno que estava muito difícil; Maria Mauro, residente na Rua Manuel Dutra, 429, S. Paulo, que estava com tumor na cabeça e com a protecção de Izildinha tirou chapa e deu negativo.

AQUELES CABELOS DE NEVE!...

O pároco da minha freguesia foi quem a ele me apresentou.

Estava o nosso visitado no seu jardim de Inverno.

Eu não usava chapéu. O mesmo já se não dava com a pessoa que me apresentou e por isso se descobriu.

— Tenha a bondade de se cobrir. Em minha casa desejo que todos estejam com verdadeira franqueza! — exigiu dali, num tom que tanto tinha de sincero como de suave, o homem dos cabelos de neve. E assim foi.

Após nos havermos sentado, a convite seu, pelo homem das cãs assim fui interrogado:

— Então é você o rapaz que se vê com forças para dar início a essa obra?

— Eu mesmo, senhor.

— Muito bem. Pois pode começar porque a casa está às suas ordens.

— Muito obrigado, senhor — respondi simplesmente, visto que o que acabava de obter era impagável. Pois foi por intermédio dessa iniciativa que comecei a sentir os meus olhos menos nublados.

E, depois de uma conversa amena e sucinta, despedimos-nos desse patriarca, a quem devo favores que jamais esquecerei.

Desde esse dia eu fiquei a entrar em sua casa com aquela cercenimónia, por si exigida, que caracteriza os nossos «familiares».

Aquele homem passou a ser o meu conselheiro, *graciosamente* — pois nunca lhe prestei qualquer favor.

E como me recordo de suas obser-

vações, sempre dentro de nobres ensinamentos, que não esqueci!

Quando o queria consultar a respeito de coisas menos mesquinhas e portanto de estudos mais demorados, escolhia sempre uma manhã, quando era certo encontrá-lo, respirando as respectivas auras, tão benéficas, junto ao lago a admirar o «imperialismo» dos cisnes, a contemplar a natureza dos miosótis nos canteiros, a meditar no mistério dos peixinhos no aquário, a reflectir na graça dos passarinhos no aviário ou a pensar na inteligência dos quadrumanos nas jaulas.

Procurá-lo nas restantes horas do dia, era o mesmo que querer interromper o seu trabalho de publicista e articulista — este último tão benéfico ao *Notícias de Guimarães*.

E, no entanto, o homem de cabeleira branca e semblante patriarcal, não deixava de atender, sempre que alguém lhe batesse à porta. O seu trabalho era interrompido e a pessoa era atendida.

Ainda me recordo bem da inauguração da minha iniciativa, à qual o mestre presidiu conjuntamente com o pároco e a Junta da minha freguesia, cujas sensibilidades então produzidas em meu peito parece que ainda hoje sinto.

E destas manifestações, tão úteis ao meu irrequieto espírito, foi que me ficou uma tão grande dívida de gratidão para com esse afável e generoso homem dos cabelos de neve que durante a minha vida inteira não conseguirei saldar.

FERO-FOLHA.

A Concha dourada

(Continuação da 3.ª página)

Da validade humana aos primores da Técnica

Muitas damas do século passado disputavam, a peso de ouro, para adorno do lar e seu próprio enfeite, as caprichosas conchas marinhas que chegavam regularmente do Oriente, à mistura com tecidos, jóias e outras exóticas mercadorias.

O negócio devia ser vantajoso, tanta é a validade humana e tanta era a frequência das viagens dos barcos destinados a esse comércio.

Um dia, porém, certo armador deixou-se seduzir por um produto abundante que jorrava a fluxo das profundezas da terra, naquelas remotas paragens, e tinha fama na época de eficaz panacea universal. Era o petróleo, então no limiar da sua aplicação, guardando ainda ciiosamente os segredos de toda uma imensa riqueza que o homem iria desbravando aos poucos, em escala cada vez maior, até formar hoje uma hierarquia de subprodutos, talvez longe de atingir definitiva estabilidade.

O comerciante de conchas — o inglês Marcus Samuel — faz-se transportador de petróleo, já reputadíssimo como combustível, associou-se a outros capitalistas e funda a Shell Transport & Trading Co, com sede em Londres. Mais tarde, esta companhia que se dedicava exclusivamente à venda e distribuição de produtos petrolíferos, associou-se a outra, a Royal Dutch Petroleum Co, que se dedicava à produção e refinação. Da união dos interesses de ambas surgiu o Grupo Royal Dutch Shell.

Nasceu assim a vulgarmente conhecida Shell — o termo inglês significa concha — e a concha dourada passou a andar indissolúvelmente ligada a toda uma imensa actividade, que vai desde a exploração do precioso produto, até à sua refinação, à distribuição e à sua venda. Todos quantos andam pelos caminhos do Mundo, pelas grandes estradas internacionais ou pelas mais pequenas artérias nacionais, pelas grandes rotas do espaço ou cortando as águas oceânicas, podem encontrar a cada passo essa concha dourada, símbolo que faz acudir imediatamente ao espírito um produto e uma actividade que são já características fundamentais do século em que vivemos.

Dos contactos que tive com as coisas da Shell, na minha recente viagem à Holanda e à Alemanha, dois factos salientes se impuseram ao meu espírito de maneira categórica e definitiva: a imensa, prodigiosa actividade no sentido de extrair do «oiro líquido» todo o manancial de riqueza útil que em si encerra; e a qualidade de todos os membros dessa grande organização posta ao serviço da economia dos seus países e do bem-estar humano.

Não mais se afastará da minha imaginação essa gigantesca estrutura de aço platinado, erigida de chaminés fumegantes, que é a refinaria de Pernis, em Rotterdam; a maior de toda a Europa. Lá dentro é uma cidade inteira. Há transportes colectivos organizados. Sinais regulam o trânsito. Um porto privativo acolhe navios de várias nacionalidades. Uma estação ferroviária recebe os imensos e constantes comboios que a demandam. É a técnica, a mais perfeita e a

mais ousada, em constante trabalho de produção. Do petróleo nem um pequeno subproduto escapa nesta imensa tarefa de refinação. No estado líquido ou no estado gasoso, todo o potencial é assimilado e todo tem o seu mais adequado fim. Da gasolina ao plástico, do gás de iluminação ao asfalto, é todo um somatório de qualidades reunidas à entrada da refinaria e depois subdivididas em diferentes subprodutos, cada um com a sua característica específica e com o seu objectivo peculiar.

Por detrás da técnica, sente-se e adivinha-se a preocupação social. Bairros de habitação constituem outra grande cidade nos limites de Rotterdam. Cuida-se da integridade física de cada ser humano que dirige ou acompanha a marcha da técnica. Estudam-se as consequências do trabalho da gigantesca engrenagem e resolveu-se já o problema da poluição do ar, que aflige tantos aglomerados populacionais em todos os países do Mundo. Merece a pena referir aqui que o problema em Pernis foi resolvido pela engenharia, de entendimento com a meteorologia. Lá fui encontrar um técnico português, empenhado em estudar o mesmo problema.

Por todos os locais que visitei, desde esse grande Laboratório de Investigações de Amesterdão (onde um cérebro electrónico me respondeu em várias línguas às perguntas mais fantásticas) até aos poços de exploração mais afastados dos grandes centros, por toda a parte surpreendi essa idêntica actividade incansável e essa mesma preocupação social dominante.

Não quero terminar sem deixar aqui uma palavra de apreço e encarecimento desses autênticos gentlemen que dirigem os serviços de «Public Relations» da grande empresa. Eles são, de facto, uma das peças fundamentais na engrenagem e funcionamento de toda essa actividade.

JOÃO COITO.

(Transcrito do Diário de Notícias, Lisboa).

«Os Josés de Portugal»

A Direcção deste Grupo Onomástico foi recebida pelo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, a quem apresentou o programa das próximas comemorações do dia de São José, seu Patrono (19 de Março) e que consta de cerimónias religiosas em todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal. Nessas mesmas localidades, além das visitas a «Josés» que estejam nas cadeias e hospitais, realizar-se-ão actos de bondade, maiores ou menores mas fundamentalmente para oferecer a «Josés» desprotegidos da sorte, livros, agasalhos, remédios, géneros alimentícios, etc., enfim, qualquer coisa que prove demonstrar os efeitos do grande momento de solidariedade humana que o Grupo está a desenvolver.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 25, o nosso amigo sr. José de Freitas, de Fermentões; no dia 27, as sr.^{as} D. Maria Júlia Cabral Ferra e D. Josefina Mendes de Carvalho; no dia 28, o nosso prezado amigo sr. Fernando Lobo Neves Pereira e a sr.^a D. Maria Luísa Mota Prego de Faria; no dia 29, os nossos prezados amigos srs. Alfredo Faria Martins, residente em Lisboa, e Casimiro da Silva Lopes e mademoiselle Maria Manuela da Silva Carvalho, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 30, o nosso prezado amigo sr. dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu; no dia 31, a sr.^a D. Maria Amélia Dias de Castro Fernandes dos Santos, esposa do sr. dr. Juiz Júlio Carlos Gomes dos Santos, e o nosso prezado amigo sr. António Urgez dos Santos Simões; no dia 1 de Setembro, os nossos bons amigos srs. Eduardo de Oliveira Machado e Manuel Rodrigues Leite, residente no Porto, e a sr.^a D. Quitéria Mendes da Costa.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Casamentos

No passado domingo, consorciaram-se, no Santuário Eucarístico da Penha, o nosso conterrâneo sr. José da Silva Sampaio, filho do sr. Manuel da Silva Sampaio e de sua esposa a sr.^a D. Emília de Jesus Silva Sampaio, com a sr.^a D. Maria Alcinda Ribeiro da Costa, filha do sr. João Ribeiro da Costa e de sua esposa a sr.^a D. Rosa Mendes.

Serviram de padrinhos, do noivo, seus tios, os srs. Francisco da Silva Guimarães e esposa, e da noiva, o sr. Manuel Simões Sobral e esposa. Presidiu ao acto o rev. Arcipreste P.^o António de Araújo Costa.

Aos noivos, desejamos muitas venturas.

No Mosteiro da Costa, consorciaram-se no dia 18, a sr.^a D. Maria Aldina Dantas Gonçalves, filha do sr.^a D. Maria da Adoração Dantas Gonçalves e do sr. António Martins Gonçalves, já falecidos, e o sr. J. Cruz Gaspar, de nacionalidade espanhola, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, tendo presidido ao acto, o rev. dr. J. Jesus Ribeiro. Testemunharam o acto, por parte da noiva, o sr. José Dantas Gonçalves e sua esposa a sr.^a D. Celina Gonçalves, e por parte do noivo, o sr. Alvaro Mendes da Silva e sua esposa a sr.^a D. Maria de Fátima Ribeiro da Silva.

Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

Nascimentos

Deu à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso bom amigo sr. Serafim da Rocha.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Na passada terça-feira, dia 21, deu à luz uma menina, que foi baptizada com o nome de Maria Eduarda, a sr.^a D. Maria do Carmo Marques Pinto Malheiro, esposa do nosso bom amigo sr. José Carlos de Oliveira Pinheiro.

Os nossos parabéns.

Baptizados

Na igreja paroquial do Carvalhal, no Porto, baptizou-se no dia 22, recebendo o nome de Maria Isabel, uma filhinha da sr.^a dr.^a D. Maria Ana Lopes de Quadros Flores e do sr. Eng.^o António José Carneiro de Quadros Flores.

Foram padrinhos, o avô materno sr. Manuel António Lopes e a tia paterna sr.^a D. Albina Iracema de Quadros Flores.

Na 4.^a-feira, baptizou-se, na paroquial de S. Sebastião, uma filhinha do sr. Armando Lima e de sua esposa a sr.^a D. Maria Odete Assunção de Jesus Lima, que recebeu o nome de Genoveva Maria.

Foram padrinhos os avós, materna sr.^a D. Genoveva Maria Lima e paterno sr. Jaime de Jesus.

Partidas e chegadas

Com sua esposa encontra-se a veranear na sua Casa Rústica das Pedras Salgadas, o nosso querido amigo sr. dr. Nuno Simões.

Com sua esposa partiu para França o nosso prezado amigo sr. dr. Mariano Felgueiras.

Com sua família partiu para as suas propriedades de Fermentões o nosso prezado amigo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

Estão a veranear na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos srs. Fernando Lage Jordão, Joaquim Laranjeiro dos Reis, Alberto Gomes Alves, Artur Martins da Silva, dr. Francisco Fernandes, Pedro da Silva Freitas e Francisco Vaz da Costa Marques. Acompanhado de seu filho sr. Gonçalo da Silva Paúl, esteve no

domingo nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso querido amigo sr. dr. António Paúl.

Também esteve nesta cidade, com sua esposa, dando-nos o prazer da sua visita, o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

Tem estado em Caldelas, com sua esposa, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. António José Ferreira, residente em Faro.

Também tem estado com sua esposa nesta cidade o nosso bom amigo sr. João Rodrigues Pereira Guimarães.

Encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso amigo sr. José de Lemos Sampaio.

Com sua esposa partiu para as suas propriedades de Pedreira (Longra) o nosso bom amigo sr. Joaquim Teixeira da Costa.

Com sua família partiu a gozo de férias para S. Martinho de Dume (Braga), o nosso prezado amigo sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres, que teve a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos.

Com sua família encontra-se na aldeia o nosso prezado amigo sr. dr. Carlos Saraiva.

A uso de águas partiu para o Vidago o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Simão Martins da Costa.

Esteve nesta cidade o nosso amigo sr. Alvaro Baptista, de Lisboa.

Com sua família tem estado a veranear na Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. Coronel Mário Cardoso.

Com sua família tem estado nas suas propriedades de Pencilo o nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga.

Com sua esposa encontra-se nesta cidade, onde passará algum tempo, o nosso querido amigo e ilustre conterrâneo sr. Desembargador dr. António Augusto da Silva Carneiro.

Esteve nesta cidade de visita a sua mãe, que tem passado doente, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Verotídio Ferreira, residente em Lisboa.

Com sua esposa tem estado a veranear em Viana do Castelo, o nosso prezado amigo e director da Escola Industrial e Comercial sr. Escultor António de Azevedo.

Com sua família encontra-se nas suas propriedades de S. Caetano, em S. João de Ponte, o nosso querido amigo sr. dr. Fernando de Matos Chaves, ilustre médico dos Hospitais de Lisboa.

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo e solícito correspondente em Guardizela sr. Manuel Ribeiro.

Partiram para Lisboa a esposa e filha do nosso prezado amigo sr. Herculano Dias de Castro Queiroz.

Com sua família encontra-se na Quinta do Covelo, na Covilhã, o nosso prezado amigo sr. Eng.^o Joaquim Ferreira Leão.

Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Manuel Paulino Ferreira Leite.

Cumprimentámos nesta cidade, na 4.^a-feira, o nosso prezado amigo e distinto advogado em Braga, sr. dr. Augusto Rego.

De visita a seus tios, o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Nogueira Mendes e esposa, esteve nesta cidade, mademoiselle Maria Albertina Mendes Rodrigues.

Encontra-se a uso de águas no Gerez o nosso prezado amigo sr. Luís Correia de Sousa Areias.

Com sua família encontra-se nesta cidade, com alguma demora, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Gaspar da Silva Ribeiro Calixto.

Partiu com sua família para as suas propriedades de Souto, o nosso prezado amigo sr. António de Sousa.

Com sua esposa regressou da Curia o nosso bom amigo sr. Manuel C. Martins.

Da Póvoa de Varzim regressou às suas propriedades de Briteiros o nosso bom amigo sr. Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira.

Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo sr. Belmiro Neves, do Porto, gerente da importante Agência Eco.

Partiu para S. Paulo (Brasil), onde vai dedicar-se ao comércio, o nosso amigo sr. Manuel Augusto Pereira. Desejamos-lhe feliz viagem.

Esteve nesta cidade, tendo-nos dado o prazer de sua visita, o nosso bom amigo sr. Manuel Rodrigues Leite, residente no Porto.

Doentes

Na Póvoa de Varzim tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. José Júlio Jordão. Desejamos as suas melhoras.

Falec. e Sufrágios

Francisco Gonçalves Guimarães

Na sua casa de Vila Aurora, faleceu repentinamente na quinta-feira, o sr. Francisco Gonçalves Guimarães, viúvo, proprietário, pai da sr.^a D. Aurora Lusitana Guimarães Faria e avô da sr.^a D. Maria Aurora Guimarães Faria Portela, casada com o sr. Eng.^o José Augusto Costa Portela.

O extinto desempenhou durante

muitos anos e com muita competência, o lugar de funcionário da Repartição de Obras da Câmara Municipal e contava nesta cidade muitas simpatias, sendo bastante sentida a sua morte.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se ontem pelas 10 horas, da residência acima para o cemitério de Mascotelos.

As nossas condolências a toda a família dorida.

De luto

Guarda luto, pelo falecimento de seu cunhado, sr. dr. Arlindo Camilo Monteiro, ocorrido há semanas no Brasil, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, a quem apresentamos, e a sua esposa, as nossas condolências.

Com GAZZIGRA não tem fumo; tem economia! 483

Vida Católica

Nossa Senhora da Guia
Principiam no dia 30, às 21 horas, as novenas que precedem a festividade em honra de Nossa Senhora da Guia, a qual terá lugar na capelinha da mesma invocação, no dia 8 de Setembro próximo.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbossa, ao Largo do Toural, Tef. 40184.

Acidentes

Por terem sido atropelados, na rua de Camões, por um carro conduzido pelo sr. José de Castro Leite, e na rua de Paio Galvão, por um automóvel guiado pelo sr. Serafim Ferreira, receberam tratamento no Hospital da Misericórdia, Bento Lopes dos Santos, casado, agricultor, do Pevidém, e a menina Maria de Fátima Cardoso Faria, de 6 anos, moradora na Avenida Conde Margaride.

Com GAZZIGRA não tem fumo; tem economia! 483

Pereira & Marques, Limitada

Faz-se público que por escritura de 22 de Agosto de 1956, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, pelo notário B.^e António Alves da Cunha e Silva, no seu livro de notas N.^o 196, a fls. 73 e seguintes, Francisco Pereira, casado, comerciante, morador na freguesia de São Lourenço de Selho, deste concelho, cedeu a Edmundo António Ribeiro Marques de Campos, solteiro, maior, empregado comercial, morador na mesma freguesia e concelho, 10.000\$00, parte da sua quota de 35.000\$00, que tinha na sociedade acima indicada, com sede nesta cidade.

Guimarães, 23 de Agosto de 1956.

O ajudante da Secretaria Notarial,
Martinho da Silva.

NOVIDADE ÚTIL

Para cozinha — LOUÇA PIREX
Para mesa — LOUÇA DURALEX
"O VIDRO DURO QUE DURA"
Completo sortido em artigos para uso doméstico.

JOSÉ MÁRIO MATOS
Tef. 40340 — RUA DA RAÍNHA, 141 625

NOVA ESTAÇÃO DE SERVIÇO ELÉCTRICO

instalada em amplo edifício, construído expressamente
NA — AVENIDA CONDE DE MARGARIDE
TELEFONE 40316

BATERIAS — PNEUS — ÓLEOS — MOTORES ELÉCTRICOS — APARELHAGEM DE MEDIDA E PROTECÇÃO — BOBINAGENS DE MOTORES E DINAMOS — RECONSTRUÇÕES E CARGAS DE BATERIAS — ELECTRO-MECÂNICA

Elisio da Cunha e Castro participa à sua numerosa e estimada clientela, que transferiu para esta nova casa as suas oficinas que se encontram quase completamente montadas e são de forma A BEM SERVIR.

De Covas

EXPEDIENTE

Alvaro... Rua de Couros, Guimarães — Informam-nos que é o pai de duas criancinhas aleijadas que há dias vimos numa rua da cidade.

E' favor procurar-nos a fim de lhe informarmos um Hospital que já curou crianças nas mesmas condições e talvez trate dos seus filhos gratuitamente. E' de lamentar que ninguém se ocupe destes tristes casos. Sendo possível mande tirar uma fotografia aos dois, de maneira que se possam observar os defeitos físicos.

— José Teixeira, Dominicas, Guimarães — Também nos informaram que é o pai duma criancinha defeituosa. E' favor procurar-nos para o mesmo fim.

— António Cândido, Penhas da Saúde — Pode enviar o que diz na sua carta. Pelo correio remetemos-lhe o que nos pediu.

— Orquestra Pátria — Comunicamos este conjunto que se vai realizar no excelente salão de festas do Casino de Vizela, animada festa com «tombolas» na noite de 1 de Setembro. Esta festa promete decorrer sob invulgar animação, pois ali devem-se reunir a maior parte dos aquistas e as mais distintas famílias daquelas termas.

Resposta a um esclarecimento dos C. T. T.

Em Abril próximo passado publicámos nestas colunas, sob o título «O posto do correio de Covas ficou... no tinteiro», a seguinte notícia:

«Faz este mês um ano que se realizou o concurso, na Estação Telegrafo-Postal de Guimarães, para o transporte de malas do correio entre o posto dos C. T. T. de 1.^a classe, a criar em Covas e a Estação do Caminho de Ferro... E até à data continuamos à espera do dito Posto...»

Pergunta-se: Até quando teremos de ir à cidade para «fazer» um registo e andar a pedir por favor para fazer um telefonema local e pagar ainda 1\$00, ou seja, 100% a mais?

A propósito, a Administração Geral dos C. T. T. veio, há dias, a público com o seguinte esclarecimento:

«Em resultado do estudo realizado para criação do posto em causa, se concluiu que ele não é viável, em virtude da localidade de Covas distar apenas 100 metros do posto de correio de Entre-Vinhas.»

Em face disto pergunta-se: Por que não é viável? Qual o fim do concurso que se realizou na Estação Telegrafo-Postal de Guimarães? Para que arranjaram fiadores os concorrentes para a condução de malas? Para que dispuseram os C. T. T. nesta localidade duma pessoa encarregada do dito Posto?

E já agora também informamos o seguinte: Que a distribuição do correio já não é feita no lugar de Entre-Vinhas. Que Entre-Vinhas não fica a 100 metros de Covas. Que este lugar é precisamente no local onde está a placa de «Covas». Que o posto que já esteve no lugar de Entre-Vinhas passou para o lugar do Pombal e por último para o lugar de Vila Aurora, onde já está há uns dois anos. Que estes três lugares e outros são conhecidos por «Covas» e, portanto, este «posto» está no centro desta localidade. Que ali não tem telefone. Que ali não «fazem» registos. Que ali não fazem despachos, etc., etc. Que ali apenas distribuem a correspondência da parte alta da fre-

Laboratório de Análises
Avenida Eng. Duarte Pacheco — Telef. 40404
— GUIMARÃES —
FERNANDO XAVIER TELEF. 40278
FERNANDO MONTEIRO TELEF. 4742

guesia e a quem lá a vai procurar. Será isto um Posto dos C. T. T. completo para a industrial e populosa localidade de Covas? Não, não é.
Com vista à C. P.
Quando se resolverá a C. P. a atender as exposições que lhe foram enviadas pedindo para atrazar apenas 15 minutos a automotora que chega a Guimarães às 13 horas?

Notícias pessoais
Encontra-se a veranear no Porto mademoiselle Albertina F. da Silva. — Regressou de Caldelas, onde esteve a veranear, o industrial e nosso bom amigo sr. Narciso Pereira Mendes. — Também regressou há dias de Coimbra o nosso prezado amigo sr. João de Oliveira. — C.

EM VIZELA AS GRANDES FESTAS DE AGOSTO

Na linda e progressiva Vila de Vizela — Rainha das Termas de Portugal — iniciaram-se ontem as Festas de Agosto, que hoje terão o seu grande dia com os seguintes e sugestivos números do atraente programa:
Festival folclórico no parque das Termas, com os seguintes grupos: Rancho Folclórico «Dr. Gonçalo Sampaio» (Braga), Rancho Regional Festada de Guimarães, Rancho Folclórico Estrela do Norte (Póvoa de Varzim).
Sessões de fogo preso e do ar. Grupos de Zés P'reiras.
Toda a vila vistosamente engalanada. Milhares de lâmpadas.
Bandas de música: Bombeiros Voluntários de Vizela e Sociedade Filarmónica Vizelense.

Posto do Registo Civil em Vizela

Por motivos de saúde, pediu a demissão do cargo de ajudante do Registo Civil, que desempenhou com muito zelo durante 28 anos, cheflando o Posto da vila de Vizela, o nosso prezado amigo sr. Constantino da Silva, tendo assumido o mesmo lugar, por força da lei, o professor primário sr. Constantino Fernandes.

Câmara Municipal de Guimarães ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 13 de Setembro próximo, pelas 15 horas, na Sala das Sessões da Câmara, se procederá ao concurso público para arrematação da «Pavimentação e Construção dos Passeios dos Arruamentos que circundam a Igreja do Pevidém», cuja base de licitação é de 83.000\$00. As condições do concurso estão patentes na Repartição de Obras desta Câmara, em todos os dias úteis.

Paços do Concelho de Guimarães, 18 de Setembro de 1956.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,
Engenheiro António Rodrigo de Araújo Pinheiro 519

Teatro Jordão

APRESENTA
NOITE, 8^{as} 15 e 21, 23 HORAS
Anne Baxter e Steve Forrest
Num filme em Technicolor e Cinema Scope
AVENTURA EM PARIS
Um filme para ver, pensar e discutir. (Espectáculo para maiores de 18 anos)
QUINTA-FEIRA, 30--8^{as} 21, 30 HORAS
QUANDO A NOITE MORRE
com Richard Conte e Colen Gray
A história de um crime misterioso (Espectáculo para maiores de 18 anos)
SÁBADO, 1--8^{as} 21, 30 HORAS
O último bandoleiro
O mais palpitante filme de aventuras na história de Cimarron Kid, o mais temido aventureiro do Oeste. TECHNOLOR
515 (Espectáculo para maiores de 18 anos)

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem moia e sem pelota
MYOPLASTIC-KLÉBER
Leve, ligeira, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar
Como se fosse com as mãos
VINDE FAZER UM ENSAIO, FICAREIS MARAVILHADOS.

GUIMARÃES — Farmácia Hórus — Largo do Toural, DIA 5 DE SETEMBRO.
BRAGA — Farmácia Rome — Rua dos Chãos, 111, DIA 4 DE SETEMBRO.
BARCELOS — Farmácia Lemela — Rua D. António Barroso, DIA 6 DE SETEMBRO. 518

Ofertas e Procura

VENDA DE UM CARVALHAL
Vende-se um carvalhal, cerca de 300 árvores que dão boa lenha e madeira, na Quinta da BARRELA, FREGUESIA DE INFIAS, VIZELA. Recebem-se propostas em carta fechada. Informa o Telefone 4318 de Guimarães. 487

Vasilhame Compram-se 15 a 20 caçcos para vinho, em madeira de castanho e em bom uso. 512

Terreiro Vende-se uma sorte com pinheiros, no lugar das Senhoras do Monte, em Nespereira, com cerca de 5.000 metros quadrados. Falar na rua da Liberdade 9, com Fernando Leite Pereira. 514

FOGÃO A lenha, usado, bonito, bom estado. Nesta Redacção se informa. 524

Na Liquidatária Empresta-se dinheiro ao juro legal, quer por letras, devidamente garantidas, ou por hipoteca. Rua de Camões n.^o 120 R/c. 529

DESPORTO

Sobre o malogro do alargamento da I Divisão

A «realização» do Porto às suas congéneres do Norte, foi o facto mais saliente do Congresso da Federação

As permissas-base, em que se fundamentou a nossa Associação Regional, para pedir o alargamento da I Divisão Nacional eram de que tal alargamento facultava a expansão do futebol português e que possibilitava a desconcentração do mesmo em volta de Lisboa.

Bem baseadas estavam estas duas razões. De tal modo, que não mereceram do Congresso a mínima contestação. Ficaram no óbvio, inteiras e verdadeiras, como realmente são. A razão contestativa que veio à baila, em argumento de ocasião, foi somente a de que o alargamento ia favorecer determinados clubes (o Vitória e o Braga) candidatos lógicos a promoção imediata.

Tudo que se vai ler de seguida, baseia-se num conceito que temos como certo e que, já das mais diversas vezes, temos posto sem merecer contestação — o Vitória de Guimarães não era favorecido com um alargamento de Divisão, além daquilo que se entende como indemnização justa a uma espoliação, que lhe foi feita, há duas épocas atrás. Referimo-nos ao célebre «caso do Bessa», onde o Vitória perdeu o direito de discutir a sua permanência na I Divisão, por *manobra* havida no encontro Boavista-Porto, jogado no Campo daquele nome. Comprova tal facto o despacho Ministerial, então expresso sobre o assunto, do teor seguinte: «Concordo com as conclusões da Polícia Judiciária. Aplico ao capitão-geral do Boavista, António Manuel Rodrigues da Costa, a pena de *irradiação* nos termos do n.º 2 do art.º 87 do Decreto n.º 946, com o pagamento das custas do processo. Considero o Boavista responsável solidariamente pelo pagamento destas custas». Comprova-o ainda a afirmação feita pelo Presidente da Direcção do F. C. Porto quando, sobre o mesmo assunto, comunicou à Imprensa os castigos aplicados a seus jogadores, onde disse «que o caso do jogo com o Boavista estava a dar que falar mas que, infelizmente, talvez ainda tomasse maior volume». Comprova-o talvez também as dispensas de Barrigana, Carvalho e Porcel, pelo F. C. Porto, no início da época seguinte, precisamente os jogadores mais apontados como negligentes no jogo em referência.

Foi sempre, dentro destes princípios, que pusemos o Vitória com direito de regressar ao seio da Divisão Maior. Para mais o nosso Clube não deixou de, no campo, conquistar também esse privilégio, pois foi segundo no Nacional da Divisão Menor, à frente, portanto, de 26 adversários, entre eles os portugueses Salgueiros e Boavista.

Mas o Congresso da Federação realizou-se e a *força dos votos* não permitiu o acto de justiça. Fundamentalmente é este assunto que agora nos interessa e é sobre ele, principalmente, que se escrevem as linhas seguintes.

A Associação de Futebol de Braga somente levou à deliberação do Congresso Federativo o discutido alargamento, quando encontrou, atrás de si, o poder suficiente dos Organismos congéneres, que lhe deram o seu imediato apoio.

Mas como se portaram, em pleno acto, os mesmos Organismos? A lógica dos números segue-se elucidativa:

Associação	contra	a favor	neutras
Braga		5	
Vila Real		2	
Bragança		1	
Porto	8		
Aveiro		3	
Viseu		1	
Coimbra			5
Castelo B.		4	
Leiria		6	
Santarém	3		
Lisboa	22		
Setúbal	12		
Portalegre			2
Beja		2	
Algarve	4		
Funchal		2	
A. Heroísmo			1
Guiné	1		
Quelimane	1		
L. Marques	1		
Macau	1		
	55	26	8

Não entrando em consideração com as Associações faltozas (e a falta de Evora não tem justificção) vê-se que 9 votaram o alargamento e outras 9 o rejeitaram, havendo ainda 3 abstenções. Porém o resultado final viria a ser diferente, se os compromissos anteriormente assumidos por algumas Associações, fossem honestamente respeitados no Congresso. Apoiaram a Associação de Lisboa, chefe da oposição ao alargamento, o Porto e Santarém que, primitivamente tinham dado a Braga a sua

concordância e absteve-se ainda Coimbra, Portalegre e Angra do Heroísmo, que tinham procedido de igual maneira. Mas é ainda de salientar que, para haver igualdade no número das Associações votantes, foi preciso que as do Ultramar, como Guiné, Quelimane, Lourenço Marques e Macau, aparecessem interessadas no modo como se disputam as provas continentais!

Tudo isto nos espelha, em realidade atrás, o que foi a última reunião das Associações de Futebol portuguesas. Triste espectáculo de jogo de interesses, onde compromissos, tomados por escrito, foram esquecidos em manifesta falta de lealdade. Três casos do Congresso porém queremos salientar, além de tudo mais, que no mesmo aconteceu, em triste demonstração da capacidade daqueles que têm à sua guarda os interesses gerais do nosso futebol.

Primeiro a posição da Associação de Lisboa. Não se compreende, nem se justifica a sua antecipaçao aos actos do Congresso, prevenido o seu desenrolar e o seu desfecho na força dos seus votos e nos das Associações que arregimentou. Causa admiração ver dar-se tanto valor a votos da parte de quem não os utiliza para seu uso próprio. Os dirigentes da Associação de Lisboa têm ido a sucessivos Congressos com o seu valioso quinhão de votos, fazendo prevalecer a sua opinião contra a maioria do País, sem terem até hoje demonstrado coragem para conseguirem estar à frente da sua Associação pela força dos votos dos clubes seus filiados.

Triste, puramente ridículo, o *baloiçar* da Associação de Coimbra. Depois de ter afirmado dar o seu apoio à pretensão de Braga, deixou-se ficar neutra a um simples *cochicho* de ouvido, emitido no momento da votação. Foi uma autêntica atitude de *fútrica*, da parte do seu delegado, o que não é de estranhar, dado que o sector académico de Coimbra perdeu, recentemente, as suas eleições associativas, num voto de desempate do próprio Presidente da Assembleia Geral. O primeiro acto público da nova Direcção da Associação de Coimbra foi uma nega total ao que é tradicional nesta Associação, quanto a análise dos problemas do futebol nacional.

Finalmente temos a atitude do Porto. Têmo-la, como dizemos em título, como uma traição às suas congéneres da província.

Das margens do Tejo para cima, tirando o caso já mencionado e triste de Coimbra, foi a única que não votou a favor dos interesses gerais do Norte. Em contraste com ela, Beja, do Sul, não abandonou a província, acomodando-se a promessas futuras de dirigismo.

Mais do que nenhuma outra a atitude do Porto é de referir. Quantas vezes temos ouvido pregar a necessidade da unidade do Norte, na defesa do interesse regional, contra a prepotência de Lisboa?! Quem tem seguido o futebol, desde longas épocas, deve ter como nós, na memória, tantas afirmações, que foram negadas com a atitude agora assumida. Mas quem há-de julgar os actuais dirigentes do Porto, serão os seus próprios adeptos, quando, em diversas circunstâncias, vierem afirmar que o Porto está sózinho, no Norte, a defender o futebol da região...

Mas mais que tudo confrange a mudança de opinião tida pelos responsáveis do futebol do Porto. Depois de terem dado o seu apoio ao alargamento, em officio cheio de afirmações laudatórias sobre os interesses do Norte, mudaram de opinião com a visita que lhes foi feita, em circunstância oportuna, pelo Presidente do Congresso e pelo Vice-Presidente da Associação de Lisboa, em exercício.

Não é a Associação de Braga que se *entristece* com a atitude assumida pelos dirigentes do Porto! E' toda a região nortenhu! E' Vila Real, é Bragança, é Viseu, é Aveiro, é Castelo Branco, é Leiria, que deram uma demonstração cabal de unidade e viram que, entre elas, no seio do território que as constitui, existe o Porto, que delas se afastou e não as ajudou na defesa dos seus interesses legítimos!

O Porto, a região do Porto, onde, desportivamente, se têm dado, nos últimos tempos, os casos mais *mirabolantes*, juntou mais este ao seu *palmarés*. De tudo isto ficou-se, pelo menos, a conhecer o valor que têm certas *lágrimas de crocodilo*, quando se ouvem, nos mais diversos tons, as lamúrias referentes às perseguições que, dizem, lhes são movidas.

1.ª PROVA de Perícia Automobilística de Guimarães

Deve vir a constituir um verdadeiro êxito a Prova de Perícia Automobilística, que a Comissão de Auxílio do Vitória leva hoje a efeito, pelas 15 horas, no Campo da Amorosa.

As inscrições têm sido registadas em grande número, não só de desportistas da região, mas também de conhecidos automobilistas de Lisboa e Porto, demonstrando o interesse despertado pela Prova



A valiosa taça D. Fernando de Mascarenhas, a disputar hoje, naquela importante prova automobilística.

que, sendo a primeira no género realizada em Guimarães, terá com certeza a presença de numeroso público.

Uma das causas do êxito da Prova, é a quantidade das taças em disputa, em número de duas dezenas, sendo de salientar o troféu «D. Fernando Mascarenhas», que é a primeira homenagem prestada ao malogrado desportista depois do seu falecimento.

Hoquei em Patins

Conforme noticiámos, o Vitória defrontou, no seu Rink da Amorosa, no sábado passado, a equipa da Educação Física do Norte, quinto classificado do Campeonato do Porto.

O resultado final foi um empate a duas bolas, o que demonstra a boa réplica dada pelos vimaranenses à forte equipa do Porto. Pode dizer-se até que se houvesse um vencedor, quem tinha direito ao triunfo seria o Vitória. De facto a equipa local fez um bom jogo, que agradou deveras aos seus adeptos.

Na próxima quarta-feira a Secção de Hoquei do Vitória leva a efeito uma nova organização, exibindo-se em Guimarães a equipa do Académico do Porto. Escusado será dizer o valor que este grupo possui, pois é de todos conhecido e, assim, deste encontro se poderá aquilatar verdadeiramente o valor que tem a equipa do Vitória.

A Secção de Hoquei do Vitória espera a compreensão dos Sócios, no que respeita à sua ajuda, para esta organização.

FUTEBOL de Preparação

Tendo em vista o início breve do Campeonato da II Divisão, o Vitória desloca-se hoje à Póvoa de Varzim, onde defrontará, pelas 15.30 horas, no Estádio do Varzim, o Futebol Clube do Porto, em jogo de preparação.

Notícias do Vitória

Continua, na sede do Vitória, aberta a inscrição para aqueles que desejem praticar futebol, na categoria de Juniores, pelo Clube, prevenido-se, para a próxima semana, o início da actividade dos inscritos, no Campo da Amorosa.

— Conforme também já noticiámos, avisam-se os Sócios do Vitória que têm de trocar os seus actuais cartões por outros novos, de harmonia com o estabelecido nos Estatutos do Clube. Estes podem ser entregues na sede ou aos cobradores da colectividade.

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!
Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Vende-se Prédio grande, com quintal, na cidade, numa rua de movimento, rendimento anual 17.400\$00. Informa esta redacção. 600

Artes Decorativas Rusticanos, Limitada

GUIMARÃES

(Por Minuto)

Faz-se público que por escritura de 17 de Agosto de 1956, lavrada por mim notário, no meu livro de notas número 186 a fls. 55 v.º, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, entre Mário Augusto Monteiro Dias de Castro, casado, desenhador, José de Oliveira, casado, empregado industrial, ambos residentes nesta cidade, e João Gualdino Pereira, casado, empregado industrial, residente na Vila de Vizela, deste concelho, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro

Esta sociedade adopta a denominação de «Artes Decorativas Rusticanos, Limitada», com a sua sede neste concelho de Guimarães, em sítio a determinar.

Segundo

O seu objecto é o exercício da indústria de artes decorativas, podendo, porém, a sociedade explorar outro qualquer ramo de indústria, desde que em assembleia geral, assim o resolvam.

Terceiro

Para todos os efeitos, o início da sociedade contar-se-á desde o dia um de Julho do corrente ano, e a sua duração é por tempo indeterminado.

Quarto

O capital social é de quinze mil escudos em dinheiro, e corresponde às cotas dos três sócios em partes iguais de cinco mil escudos cada uma, já inteiramente realizadas.

Quinto

A gerência da sociedade é obrigatória para todos os sócios, que entre si distribuirão, se assim o entenderem, os diversos cargos e será ou não remunerada, se assim o declararem em assembleia geral.

Parágrafo primeiro

Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos gerentes.

Parágrafo segundo

Todos os actos e contratos que obriguem a sociedade, activa ou passivamente, em juízo ou fora dele, serão sempre assinados pelos três sócios.

Parágrafo terceiro

Nenhum dos gerentes, responsabilizará a sociedade, em negócios estranhos à mesma, sob pena de perder a favor da sociedade, tudo o que nela tiver, excepto suprimentos que porventura haja feito.

Sexto

Não haverá prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à Caixa Social os suprimentos que em assembleia geral forem julgados necessários, os quais vencerão ou não juros, conforme se deliberar.

Sétimo

Nenhum sócio poderá ceder a sua cota, no todo ou em parte, a estranhos, sem expresso consentimento da sociedade. As cessões, totais ou parciais, de cotas entre sócios, serão sempre permitidas, ficando desde já autorizadas as divisões provenientes dessas cessões.

Oitavo

Se alguma cota for dada de penhor, arrestada ou penhorada, ou se por qualquer forma estiver sujeita a arrematação,

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!

Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.

A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma **única** Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.

Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO!
Em GUIMARÃES... SÓ

A Competidora de Representações, L.ª
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525

O tempo é dinheiro

Com GAZCIDLA em 5 MINUTOS, faz V. Ex.ª um pequeno almoço; em pouco mais de **meia hora**, faz um assado; em **1 hora** faz todo um almoço!...

Após as Refeições, escusa V. Ex.ª de **gastar horas** lavando a louça, porque GAZCIDLA é uma chama **limpa!**

PRESTE ATENÇÃO ESTIMADO LEITOR:

Se está interessado em mandar executar qualquer género de instalação de Força Motriz, Iluminação, Aquecimento, Telefones e Campanhas, consulte no seu próprio interesse J. MONTENEGRO — L. 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510 — GUIMARÃES

O GAZCIDLA não é tóxico - não faz fumo - não perigoso!

Aquece! Ilumina! Refrigera!

Fogões — Esquentadores de água para Banho e Cozinha! Candeeiros — Aquecedores de sala — Frigoríficos, etc., etc.

GAZCIDLA uma chama viva na cidade, na praça e no campo!

Peça V. Ex.ª minha Senhora, uma demonstração gratuita aos Agentes Centrais TEIXEIRA & FREITAS, L.ª. — Largo dos Navarros de Andrade — GUIMARÃES.

poderá a sociedade amortizar-la, depositando na Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, depois de deliberada a amortização, uma quantia igual ao valor que aquela tiver à face do último balanço aprovado, acrescido dos lucros prováveis entre a data do encerramento desse último balanço e a data do depósito.

Nono

No caso de interdição de qualquer sócio, a sociedade subsistirá com os capazes e o legítimo representante do interdito, mas neste caso, a gerência dos negócios sociais será exercida, apenas pelos sócios capazes, salvo expresso acordo em contrário.

Décimo

No caso de falecimento de qualquer sócio, a sociedade subsistirá com os sobreviventes e os herdeiros do falecido, se estes assim o desejarem.

Parágrafo primeiro

Se os herdeiros do sócio falecido desejarem continuar na sociedade, poderão dividir entre si, na proporção que entenderem, a respectiva cota ou adjudicá-la a um só ou a alguns. Enquanto porém a não dividirem serão representados na sociedade por um dos herdeiros por eles escolhido ou por seu legítimo representante se forem menores.

Parágrafo segundo

Se os herdeiros do falecido não desejarem continuar na sociedade, o que comunicarão no prazo de trinta dias a contar da data do falecimento, a sociedade subsistirá com os sobreviventes, que, então, pagarão àqueles herdeiros, tudo o que o falecido tiver na sociedade.

Parágrafo terceiro

O apuramento do que o falecido tiver na sociedade, far-se-á por um balanço a que se procederá logo após o recebimento da comunicação referida no Parágrafo anterior, com a assistência de um representante dos herdeiros,

cujo nome será indicado na mesma comunicação.

Parágrafo quarto

O pagamento do que apurar pertencer ao falecido, far-se-á em seis prestações iguais e semestrais, as quais vencerão um juro igual ao da taxa do desconto do Banco de Portugal, podendo, porém, o pagamento destas prestações ser antecipado no todo ou em parte.

Décimo primeiro

O ano social é o ano civil.

Décimo segundo

O balanço da sociedade será encerrado em trinta e um de Dezembro de cada ano, e apresentado à discussão e aprovação da assembleia geral até ao fim de Março seguinte.

Parágrafo único

Os lucros líquidos, depois de deduzida a percentagem para o fundo de reserva legal ou para quaisquer outros fundos que a sociedade resolva criar, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas cotas, mas, se houver prejuízos, estes serão suportados de igual modo.

Décimo terceiro

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias, salvo quando a lei exigir outro prazo e forma de convocação.

Décimo quarto

No caso de dissolução da sociedade, seu activo e passivo será adjudicado ao sócio que em licitação maior lanço oferecer, salvo se outra forma de liquidação for acordada.

Décimo quinto

Em tudo o mais, regularão as disposições de direito aplicável.

Secretaria Notarial de Guimarães, aos 22 de Agosto de 1956.

O Notário, 515

a) **António Alves da Cunha e Silva.**